

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL  
SEMINÁRIO TEOLÓGICO DA IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO  
BRASIL - STIEAB  
SÉRIE: PARTILHA TEOLÓGICA nº 4

SEMANA DE REFLEXÃO TEOLÓGICA DO STIEAB - 1995

TEMA: LITURGIA

PARTILHA TEOLÓGICA

Programa de Publicações de Estudos Teológicos do Seminário Teológico  
Igreja Episcopal Anglicana do Brasil com apoio da S.P.C.K.

Caixa Postal 11.535

90870-000 - Porto Alegre - RS - Brasil

Fone: (051) 336.2335

## SUMÁRIO

Apresentação	pág. 03
1. <u>Simbologia e Liturgia</u> Pe. Izidoro Bigolim	pág. 04
2. <u>Relatório da 5ª Consulta Internacional Anglicana de Liturgia</u> Rev. Orlando Santos de Oliveira	pág. 12
3. <u>Missão e Liturgia</u> Bispo Sumio Takatsu	pág. 26
4. <u>Reflexões sobre a Prática Litúrgica no STIEAB</u> Rev. Eduardo Coelho Grillo	pág. 37

## APRESENTAÇÃO

Os textos contidos neste volume da série "Partilha Teológica" foram elaborados e apresentados por seus autores, em forma de palestra, na "Semana de Reflexão Teológica" promovida pela Direção e Diretório Acadêmico dos Estudantes do Seminário Teológico da IEAB, em Porto Alegre, em setembro de 1995.

Estas semanas de reflexão têm se constituído num momento privilegiado de intercâmbio e ampliação dos horizontes acadêmicos para a nossa instituição.

O tema escolhido desta vez foi Liturgia. Aliás, o tema liturgia tem dominado cada vez mais as publicações, encontros e produção literária no campo teológico, nestes últimos anos.

Os textos aqui apresentados nos mostram a preocupação, cada vez mais presente nas igrejas e nos seminários, de mostrar que a liturgia, no decorrer da história, foi e continua sendo adaptada ao gênio das diversas épocas e dos diferentes povos. Cada vez mais se fala em adaptação, inculturação, contextualização, revisão e atualização da liturgia e do culto, visando aproximá-los mais da vida concreta das pessoas.

Esta temática foi central na semana do STIEAB, onde, entre outros, se discutiu Liturgia e Música; Liturgia e Missão; Os Símbolos na Liturgia; Situação da Liturgia Eucarística no Anglicanismo Contemporâneo.

Em todo o caso, apesar das limitações do tempo, o material que segue nos conduzirá a uma reflexão da nossa liturgia atual. Por certo, nos ajudará a trilhar os caminhos que podemos seguir, no futuro, e nos inspirar coragem a prosseguir na construção de uma liturgia e música litúrgica realmente "adaptadas" ao "ethos" de nosso povo, a uma liturgia inculturada, na qual o povo de Deus que é brasileiro e anglicano, possa celebrar a sua fé do seu jeito, ou seja, do "jeitinho anglicano-brasileiro".

Porto Alegre, Maio de 1996  
Festa de Gregório Nazianzeno, Bispo de

Constantinopla

Deão Orlando Santos de Oliveira  
Reitor do STIEAB

## SIMBOLOGIA E LITURGIA

### INTRODUÇÃO

A simbologia tem sido, nos últimos anos, uma constante preocupação da liturgia. Muitos são os estudos, debates e reflexões que envolvem a celebração litúrgica, no que tange a questão dos símbolos, gestos e ações simbólicas. A busca de uma expressão simbólica mais autêntica tem ocupado muitos liturgistas em seus estudos das práticas celebrativas.

A liturgia, hoje, é acusada de ser verbalista, de dar uma excessiva consideração e valorização ao elemento discursivo e racional e, por outro lado, de estar dando pouco destaque e valor ao elemento visual e à expressão corporal. Todos sabemos da importância e da necessidade da palavra como elemento fundamental para expressar nossas próprias idéias. Por outro lado, a palavra sozinha é insuficiente para envolver a pessoa humana no seu todo.

Houve um tempo em que, na Igreja e na sociedade como um todo, promoveu-se certa desvalorização do simbólico na vida das pessoas; empobreceu-se o simbólico, a linguagem dos movimentos e dos sinais. É interessante observar-se um certo grito que vem do Terceiro Mundo contra a excessiva simplificação dos elementos simbólicos nas celebrações litúrgicas. O Continente Africano, por exemplo, criticou, através do escritor B. Luykx, as inconveniências pela cultura de uma liturgia tão fria, esquemática, sem pausas e sem vazios, sem festas, sem movimentos e com a quase ausência total dos símbolos e ações simbólicas. É real o famoso ditado de Leopoldo Segnor: "Os ocidentais dizem: penso, logo existo; nós, os africanos, dizemos: danço, logo existo". Se é bem verdade que era preciso libertar a liturgia de um exagerado uso de sinais supérfluos, cremos que houve, por outro lado, um certo exagero, a tal ponto de, em muitos casos, simplificar e até mesmo retirar o elemento auditivo e sensitivo da liturgia.

Em 1988, durante a Feira do Livro em Frankfurt, um ateu publicou um livro, mais ou menos com o seguinte título: "O Concílio dos Livreiros, a destruição do simbolismo". Nesta mesma linha encontramos outros autores que têm criticado a ação de escritores sobre o tema da liturgia, por ter omitido a questão da significatividade. Em muitas situações, aconteceu uma passagem, por demais rápida, do culto sacramental e simbólico do mistério, para uma educação mais catequética e com uma conseqüente dose de "sermonite".

### SÍMBOLOS NA LITURGIA. POR QUE?

A liturgia é celebração. E, como celebração, a linguagem dos símbolos e dos sinais têm muita importância. Esta será uma linguagem mais intuitiva e afetiva, mais poética e gratuita. Liturgia não tem por objetivo o saber, o conhecer temas e questões que envolvem a relação do homem com Deus no culto, mas é uma **ação**, um conjunto de sinais - "sinais sensíveis" (SC 7) - que nos colocam em comunhão com o mistério e que mais do que compreender, nós experimentamos. Como ação, a liturgia engaja todas as faculdades da pessoa, e todos os sentidos. A liturgia é uma celebração, não

um momento de catequese ou doutrina. Por isto, a simbologia é importante para se entrar em contato com o inacessível: o mistério da ação de Deus e da presença de Jesus Cristo, atuando no mundo e nas pessoas, como sinal de salvação.

O mundo por onde acontece a liturgia não pertence às realidades que terminam em "logia", mas àquelas que terminam em "urgia", por isto é uma ação, uma comunidade total, feita por palavras, mas de modo especial, ela é feita de gestos, movimentos, símbolos e ações simbólicas.

## **RAZÕES DOS SÍMBOLOS NA LITURGIA**

### **A) RAZÃO ANTROPOLÓGICA**

O ser humano realiza tudo a partir de sua interioridade e de sua corporeidade. Cultiva no seu interior sentimentos, idéias que são manifestadas externamente por meio de palavras, gestos e atitudes. Sabemos que os sentimentos não serão plenamente humanos, se não são dados a conhecer e expressados aos demais. As idéias, por exemplo, têm a necessidade de se tornarem palavras, para serem realidade humana. Assim, "o ser humano é, ele mesmo, espírito e matéria. Além disso, ele está intimamente ligado com os mundos espiritual e material, que o rodeiam e transcendem. Pelo intelecto, ele se distingue do mundo material e animal, mas exerce sua atividade intelectual em seu corpo e depende dos seus sentidos, que são materiais, para ter contato com o mundo em que vive"<sup>1</sup>.

O louvor, na celebração litúrgica, é plenamente humano e cristão, quando se torna voz e canto. O sentimento de conversão e a resposta do perdão não se realizam e se manifestam somente ao nível do desejo, da intenção interior da pessoa, mas não há a necessidade de se expressar através de gestos, palavras e ações simbólicas para ser verdadeiro. Disto segue-se que será sempre uma ação simbólica significativa, que realiza o quanto de invisível e de interior existe entre Deus e o homem.

A razão antropológica do símbolo requer muita seriedade e respeito com o homem localizado em sua realidade concreta, quer em sua dimensão individual, quer em sua dimensão social. Esta exigência tem despertado o interesse pelo estudo e pesquisa dos símbolos na liturgia e na vida humana. "Deste modo, toda simbologia incorporada à celebração deve ter seu manancial na própria vida e não pode ser artificial, importada, pois estes símbolos artificiais criam uma tal desvinculação com a vida que torna difícil a relação entre o que ocorre na celebração e tudo o que se vivencia quotidianamente"<sup>2</sup>.

### **B) O SIMBOLISMO É UMA CATEGORIA RELIGIOSA UNIVERSAL**

O ser humano usa a linguagem simbólica, não somente para manifestar e exprimir seus sentimentos ou sua relação social, mas sobretudo, na sua relação com a divindade, com o sagrado. É através dos sinais, dos símbolos, que se estabelece a comunhão com o invisível.

A dinâmica dos sinais religiosos funciona sob várias formas ou aspectos: sacrifícios, palavras, cantos, objetos sagrados, reverências, refeições, festas, templos... Por exemplo, para os hebreus, o sábado não só recorda a pertença ao povo eleito, mas ao mesmo tempo alimenta e realiza de fato esta pertença. Outro exemplo: o banho na água, seja para os indianos, para os egípcios, para os hebreus ou para os cristãos, no rito do batismo; é um conjunto de ações e palavras que dão forma à sua celebração simbólica: a imersão em uma nova realidade.

### **C) PARA OS CRISTÃOS A RAZÃO FUNDAMENTAL É TEOLOGIA**

Jesus Cristo foi quem melhor valorizou os sinais e os símbolos. Evidentemente que a pessoa em si mesma é a melhor comunicação de Deus. Ela quer revelar, mostrar e manter viva a Aliança. Cristo é também a melhor comunicação-linguagem da humanidade, como resposta a Deus: o nosso louvor e a nossa fé são plasmados em Cristo, cabeça da nova humanidade.

Cristo, além disto, tem usado continuamente a linguagem dos gestos simbólicos na sua ação salvífica; palavras, ações, contato com as mãos, insistência no olhar, milagres... E continua a agir da mesma forma na comunidade cristã.

A liturgia tem como finalidade a santificação da humanidade e a glorificação de Deus. É através dos símbolos que se realiza esta finalidade. Fundamentalmente, trata-se do modo como acontece a comunicação entre Deus e o homem. Por isso, "sendo o ser humano também espírito, Deus poderia se comunicar de um modo puramente espiritual. Mas Deus não faz isso. Nem quando ele fala em nosso coração, em nossa consciência; tal comunicação é puramente espiritual. Quando o nosso intelecto começa a trabalhar, o cérebro já entra em ação e a comunicação torna-se, de algum modo, material"<sup>3</sup>.

A encarnação de Jesus Cristo foi o modo privilegiado de como Deus falou em palavras e gestos humanitários. "Não apenas aquilo que Jesus proferiu pela sua boca era Palavra de Deus. Palavra de Deus era também gestos de amor que ele realizou entre nós: quando ele curou os doentes, deu pão aos famintos, expulsou os demônios, ressuscitou os mortos e, especialmente, quando sofreu e morreu para nos libertar do pecado e da morte"<sup>4</sup>.

Os próprios apóstolos nos trazem presente referências claras do modo como Jesus comunica o Pai. Ele é a Palavra de Deus. O Apóstolo João diz: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1). Por sua vez o Apóstolo Paulo vê Jesus como a imagem do Pai: "para os incrédulos, cujas inteligências o deus deste mundo obcecou a tal ponto que não percebem a luz do evangelho, onde resplandece a glória de Cristo, que é a imagem de Deus" (2 Co 4,4). A primeira carta de João começa com a conhecida frase: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que nossas mãos apalparam, nós o vimos e lhe damos testemunho e vos anunciamos" (1 Jo 1,1).

## SÍMBOLO: O QUE É?

Símbolo é uma realidade que aponta para algo mais do que ela mesma. É uma palavra de origem grega. O verbo que corresponde em grego ao substantivo *symbollo* é *ymballein*, que significa juntar, unir, relacionar, reunir, articular. Na sua origem, o substantivo indicava uma parte, um fragmento de uma tabuinha ou de um anel quebrado, e que exigia a complementação de outra parte; assim formavam, quando juntados, o todo original, servindo como sinal para reconhecer uma amizade antiga, a autenticidade de um mensageiro, a validade de um contrato, etc. Poderíamos dizer que quem possuía e mostrava o tal *symbollo*, estava em condições de receber um direito ou uma mercadoria já paga.

O símbolo, portanto, permitia a identificação das pessoas através do fragmento que era usado. Os cristãos tinham no "símbolo" a fórmula da profissão de fé. A Igreja, na Antigüidade, elaborava a fórmula de fé. Assim, quando um cristão de um local ia a outro, o símbolo lhe permitia conferir se pertencia à mesma Igreja una de Cristo. A expressão (sempre fragmentária) da fé desta Igreja local era confrontada com a outra: se ambas "encaixavam" na mesma fé, era sinal de sua unidade, veículo do reconhecimento de ambas como Igrejas de Cristo.

Os símbolos são capazes de ligar, de unir, de juntar:

- Corpo, alma, mente, espírito... de cada um de nós;
- As várias pessoas, estreitando os laços da assembléia;
- Cada um de nós, e a comunidade reunida, com a realidade que nos cerca;
- Cada um de nós, e a comunidade reunida, com Aquele que é a fonte da vida;
- Presente e passado, céu e terra, "matéria" e "espírito".

### CARACTERÍSTICAS DO SÍMBOLO

1. Símbolo é expressão de uma experiência. É o mesmo que afirmar que para a existência do símbolo é preciso que haja uma experiência humana. Sem uma experiência não há símbolos, pois não há nada a assumir ou comunicar.

2. A experiência humana comporta uma dimensão não racional, não tematizada. O símbolo comporta um elemento que não é visível, perceptível, pois suas raízes encontram-se no nível do inconsciente.

3. O símbolo possui uma força intrínseca. Esta é construída em virtude da correspondência que ocorre entre o inconsciente e sua manifestação externa; entre a experiência pré-conceitual e sua formulação em nível de consciência.

4. O símbolo possui um sentido figurado, e não próprio. O símbolo possui sua força somente quando ele orienta para a experiência humana que está em jogo e que é expressa no próprio símbolo. Quando isto não ocorre, os símbolos não dizem nada e tornam-se gestos externos e superficiais.

5. O símbolo pode ser contemplado e favorece a contemplação. Em outras palavras, o símbolo remete para "além" de si mesmo. Assim, o inefável, o invisível, o misterioso, pode ser contemplado no símbolo.

6. O símbolo pressupõe sempre um código socialmente admitido de comunicação. Todos os símbolos, uma vez usados por um grupo ou comunidade, devem ser conhecidos e aceitos, de outra maneira nada dizem e expressam.

## FUNÇÕES DO SÍMBOLO

O símbolo ajuda a pessoa humana a explicar o mundo, sobretudo o mundo espiritual. Ele dirige o espírito para o desconhecido, inexplicado e talvez inexplicável. Também o intelecto tem esta missão. "Mas, muitas vezes, o conhecimento simbólico vai além daquilo que só pode ser captado em conceitos e afirmações racionais"<sup>5</sup>.

O símbolo revela: ajuda a perceber aquilo que está além da realidade. Ele remete ao transcendente ou ao invisível do material. O símbolo corporifica, dá forma concreta às realidades do amor, da graça, do perdão, da paz... O símbolo é como uma chave que abre a porta de um mundo de profundos sentimentos e de realidades transcendentais; faz a pessoa sair de seus círculos e entrar em outros.

O símbolo evoca: tem uma capacidade especial para sugerir, relacionar, recordar. Como um veículo de comunicação, nos transporta da realidade material à realidade espiritual. O presente recebido de uma pessoa querida evoca sua presença. O amor é o primeiro gerador de símbolos.

O símbolo convoca: exerce a função de mediação entre duas realidades distintas. O evangelho de João, para dizer quem é Jesus, recorre aos símbolos: Ele é a luz, a água viva, o pão vivo, o caminho, a vida. Isto é, de uma realidade conhecida, remete à realidade mais profunda e plena.

O símbolo comunica: O símbolo é o maior meio de comunicação. Muitas vezes nos sobram palavras e nos falta a expressividade. O símbolo vem em nossa ajuda. Outras vezes, ele completa a palavra e outras vezes, lhe dá maior força ou, até mesmo, sugere comunicação verbal.

O símbolo provoca: Estimula à ação e ao compromisso. Ele é um incentivo. Um bom exemplo: basta lembrar os símbolos usados pela publicidade dos meios de comunicação. O mesmo podemos dizer da própria religião: um canto, a igreja (templo), a cruz, ...

O símbolo une: Conduz da dispersão para o recolhimento, do vazio para a plenitude, do superficial para a profundidade.

O símbolo forma e sustenta a comunhão e a comunidade: Um grupo pode se reconhecer em seus símbolos; os símbolos delimitam o grupo contra outros. O grupo pode crescer com a ajuda do seu símbolo.

Para que tudo aquilo que foi dito acima possa acontecer, é preciso que as pessoas não tenham perdido a **capacidade de simbolizar**. E o que é essa capacidade de simbolizar?

- É ser capaz de expressar e perceber um sentido para além do valor funcional, técnico ou comercial de um objeto, de um gesto.

- É ser capaz de perceber o sentido (o significado) que um gesto ou um acontecimento ou um objeto encerra ou esconde, e que, ao mesmo, tempo revela.

## ALGUMAS PISTAS PARA RECUPERAR O SIMBÓLICO NA LITURGIA.

### 1. Recuperar a dimensão cósmica da fé.

São tidos como símbolos todas as realidades primordiais da natureza, da criação, como: a terra, as montanhas, os vales, os frutos da terra, a água, rios e mares, o fogo, o sol, as estrelas, o ar.

Assim, o primeiro passo para a recuperação do simbólico apóia-se no resgate da dimensão cósmica da fé. Os céus e a terra, os frutos da terra, a água, o pão, o vinho, o azeite, e, sobretudo, o corpo humano, são símbolos da realidade de Deus.

### 2. Redescobrir os símbolos históricos.

Não é suficiente resgatar os símbolos da realidade cósmica; temos que redescobrir os símbolos históricos, especialmente hoje, em que estamos assistindo a um deslocamento do sagrado para o pólo profético e histórico. A história continua sendo a mediação privilegiada da salvação, o lugar onde se manifesta, simbolicamente, a graça do Senhor. O símbolo litúrgico é o caminho correto para chegar à história da salvação no hoje de Deus (Dt 26,3.16-18). É no interior da história que se manifestam "os sinais dos tempos", como símbolos significativos da atuação libertadora da graça de Deus: - grande sinal de nosso tempo é a ânsia de libertação dos povos pobres e oprimidos. Seu grito-clamor é, hoje, símbolo de morte e de vida. Esse clamor se manifesta através das mais variadas formas: as manifestações e organizações das mulheres, greves de fome reivindicando os direitos, etc.

### 3. Resgatar o simbólico da Piedade Popular.

A piedade popular exprime-se, essencialmente, através dos símbolos. E o símbolo é, na verdade, uma realidade essencial para a compreensão do homem, de suas relações mútuas e, concretamente, de sua dimensão religiosa. Para a piedade popular, têm importância peculiar os gestos simbólicos, como: o tocar, o gesto das mãos, dos braços, do olhar, o caminhar... São todos gestos relacionados com a sensibilidade, no âmbito da liturgia.

### 4. Descobrir os símbolos do mundo urbano.

"A maioria do nosso povo católico, mesmo vivendo nas periferias ou em bairros das cidades, continua ligado às tradições culturais. Ao mesmo tempo, as comunidades das pequenas cidades e do meio rural (do interior) são invadidas por elementos da cultura urbana, veiculados pelos meios de comunicação social"<sup>6</sup>.

O mundo urbano é um dos desafios da liturgia. Celebrar, nesta realidade, significa ter presente a cidade com seus símbolos específicos. Não resta dúvida de que a falta de conhecimento e, mesmo, de criatividade, têm impedido o melhor aproveitamento desta simbologia. É urgente descobrir o jeito para introduzir, na celebração litúrgica, símbolos como: arranha-céu, o

muro cinzento, o chão asfaltado, o homem-número, identificado pelo RG (Registro Geral) ou CIC, a praça, etc.

#### 5. Simbologia e Inculturação.

Outro grande desafio da liturgia é a questão da inculturação. Neste sentido, foi muito feliz a afirmação de Santo Domingo: "É especialmente pela liturgia que o Evangelho penetra nas culturas" (SD 35).

A celebração litúrgica, se vê, hoje, desafiada a corresponder sempre mais à linguagem, ao universo simbólico e ao estilo das pessoas simples do campo e às massas, que povoam as periferias, os bairros das cidades, sobretudo dos jovens, dos trabalhadores, dos que preferem expressar a exuberância de seus sentimentos e de sua experiência de fé, por meio de expressões simbólicas. "Por esta razão, nossa liturgia deve abrir espaços às expressões de nosso povo. Assim, as celebrações conseguem a participação de todas as pessoas e da pessoa toda" (CNBB, doc. 43, nº 43).

### OBSTÁCULOS OU INIMIGOS DO ACESSO AO SÍMBOLO

- O intelectualismo que não aceita que a imaginação e a fantasia, que criam o símbolo e às quais ele se dirige, possam ultrapassar as capacidades do intelecto; enquanto não se reduziu a linguagem simbólica à discursiva, não se apreendeu o real. O símbolo é para ser superado.

- O alegorismo confunde símbolo com alegoria e quer reduzir a multiplicidade de sentidos e a riqueza do símbolo à alegoria de sentido único. Quer encontrar um código de interpretação que enquadre os símbolos na monocórdia do alegorismo. Assim, destrói o símbolo, pois este remete ao mistério, enquanto a alegoria equaciona um problema.

- O positivismo é o terceiro grande obstáculo teórico ao acesso do símbolo, pois rejeita a busca do invisível.

- O dogmatismo impede o simbólico, pois quer ver tudo fixado em máximas imutáveis e impessoais, enquanto o símbolo é algo vivo, pessoal, conhecido pela via interior da simpatia, conduzindo ao evento originário.

### CONCRETAMENTE: O SÍMBOLO NA CELEBRAÇÃO

Algumas considerações:

1. É preciso que toda a celebração litúrgica seja vivida por nós como uma grande ação ritual - simbólico-sacramental - onde cada elemento celebrativo tenha o seu significado específico e realize o que significa:

- o espaço e tudo o que tem dentro, a decoração, as vestes...;
- a assembléia reunida (as pessoas se cumprimentando, vendo, olhando, tocando, sentindo, abraçando, dando as mãos...);
- cada um dos ministérios com sua ação específica (acolher, ler, cantar, tocar instrumentos...);
- a fala, os gestos, o toque dos instrumentos...

2. Em cada símbolo e ação simbólica podemos e devemos distinguir: **Um gesto corporal, uma atitude interior e um sentido teológico.**

3. Pode ser interessante que a ação simbólica venha acompanhada de um canto ou de um pequeno refrão, que poderá ser repetido várias vezes. Por exemplo, "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", "Sou bom pastor, ovelhas guardarei".

4. É preciso definir quem fará a ação simbólica; de que maneira; em que momento da celebração; em que lugar, para que a comunidade celebrante tire proveito. Sempre é bom fazer um "ensaio"; não basta imaginar como será, é preciso ver, ouvir, experimentar... achar a melhor maneira para realizar.

5. Nunca se deve escolher ou usar um símbolo que não seja conhecido pela comunidade ou que não tenha relação com aquilo que é celebrado.

Pe. Izidoro Bigolin  
Seminário Maior São Lucas  
Caixa Postal 40  
94400-970 - Viamão - RS

## NOTAS

1. Lutz, Gregório. *Liturgia, Ontem e Hoje*, Paulus, São Paulo, 1995, p. 15.
2. Bogaz, Antônio. Da Celebração à Vida: Para uma maior validade e fecundidade da Liturgia, in *Revista Espaços*, Ano 3, nº 1, Instituto Teológico São Paulo - ITESP - São Paulo, p. 14.
3. Lutz, Gregório. *Liturgia, Ontem e Hoje*, Paulus, São Paulo, 1995, p. 23.
4. Idem, p. 23.
5. Idem, p. 16.
6. CNBB, *Inculturação e Liturgia*, Brasília, 1994, p. 6 (mimeo).

## BIBLIOGRAFIA

- ALDAZÁBAL, José. *Simboli e Gesti: Significato Antropologico, Biblico e Liturgico*. Editrice Elle di Ci, Leumann (Torino-Itália), 1991.
- BOGAZ, Antônio. Da Celebração à Vida: Para uma maior validade e fecundidade da Liturgia, in *Revista Espaços*, Ano 3, nº 1, Instituto Teológico São Paulo - ITESP - São Paulo, 1995.
- BUYST, Ione. *Celebração do domingo ao redor da palavra de Deus*, Petrópolis, Vozes, 1990 (Col. Equipe de Liturgia, 5).
- CAMACHO, Fernando & MATEOS, Juan. *Evangelho: Figuras e Símbolos*. Edições Paulinas, São Paulo, 1992.
- CASTILLO, José Maria. *Símbolos de Libertad*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1985.
- CNBB. *A Celebração Litúrgica - A serviço da Vida e da Esperança*. Brasília, 1994, (mimeo).
- \_\_\_\_\_. *Inculturação e Liturgia*, Brasília, 1995 (Subsídio de Estudo - mimeo).
- LUTZ, Gregório. *Liturgia, Ontem e Hoje*, Paulus, São Paulo, 1995.
- MOHR, Ger-Heinz. *Dicionário de símbolos - Imagens e Sinais da Arte Cristã*. Paulus, São Paulo, 1994.
- ORTIZ, Gilberto. Os Símbolos na Homilética Urbana, in *Revista Vida Pastoral*, Julho/Agosto, nº 153, Edições Paulinas, São Paulo, 1990.

**RELATÓRIO DA Vª CONSULTA INTERNACIONAL  
ANGLICANA DE LITURGIA  
Dublin, Irlanda - 6 a 12 de Agosto de 1995.**

## **1. INTRODUÇÃO**

Cerca de 85 liturgistas anglicanos: bispos, clérigos e leigos de 20 Províncias e Regiões da Comunhão Anglicana reuniram-se na Faculdade de Educação da Igreja da Irlanda, em Dublin, de 6 a 12 de agosto de 1995, para estudar e refletir aspectos relacionados com a "Santa Eucaristia". O Rev. David Holeyton (Canadá), Coordenador da Consulta, deu as boas vindas a todos os participantes de vários países representados da Comunhão Anglicana: Austrália, Brasil, Canadá, Cuba, Inglaterra, Alemanha, Irlanda, Quênia, Nova Zelândia, Nigéria, Escócia, Ilhas Salomão, África do Sul, Sudão, Estados Unidos, Tanzânia, Gales, África Ocidental, Zaire e Zimbábwe.

O Revmo. Bispo Edward Darling saudou os membros da Consulta em nome da Igreja da Irlanda. O Con. John Peterson, Secretário Geral do Conselho Consultivo Anglicano, também falou a todos, em nome do Arcebispo de Cantuária, e leu a carta do mesmo remetida ao coordenador. Agradeceu à Igreja da Irlanda por sua hospitalidade e assegurou à Consulta o apoio que estão recebendo das mais variadas partes da Comunhão Anglicana. Em seguida, os membros da Consulta dividiram-se em cinco (05) pequenos grupos, para formular suas expectativas e organizarem-se para os trabalhos dos próximos dias. Também foram apresentados os Coordenadores e Secretários dos Grupos de Estudo.

## **2. RELATÓRIOS**

No início da sessão plenária do primeiro dia, foram ouvidos relatórios provinciais e outros, a respeito do andamento dos trabalhos de suas comissões locais de Liturgia, em especial as revisões do Livro de Oração Comum e produção crescente de inúmeros materiais litúrgicos alternativos ao LOC.

Pode-se constatar uma grande produção em termos de novos Livros de Oração, cada vez mais inculturados, e não mais simples traduções e/ou cópias dos existentes. Também destaca-se uma crescente fertilidade na produção de inúmeros materiais litúrgicos locais: Ofícios Diários, Liturgias da Palavra, Intercessões, Ritos Eucarísticos, Ofícios Pastorais, Liturgia para Catecúmenos e Ritos de Iniciação Cristã, bem como a produção de inúmeros Hinários, cada vez mais com acréscimos de hinos locais, contemporâneos e canções.

Neste período surgiram vários livros com material litúrgico alternativo para ser usado junto com o LOC. Gostaria de destacar o produzido pela Comissão de Liturgia da Igreja da Inglaterra chamado "Patterns for Worship", Church House Publishing, Londres, 1995.

Pode-se notar nos vários textos litúrgicos o uso cada vez maior de linguagem inclusiva e simples. Também a produção de textos litúrgicos

bilíngues em regiões multiculturais. O exemplo clássico é o belíssimo LOC da Nova Zelândia.

O Rev. Paul Gibson, Coordenador de Liturgia do Conselho Consultivo Anglicano (ACC) apresenta um breve relatório de seu trabalho, informando receber regularmente das Províncias do mundo inteiro relatórios, informes e material litúrgico produzido. Também informa notícias a respeito de consultas, reuniões, seminários ou qualquer acontecimento relacionado com Liturgia.

### 3. PALESTRA DE ABERTURA

O Rev. Louis Weil, professor de Liturgia da Escola de Teologia da Igreja do Pacífico, Berkeley, Califórnia, EUA, autor do conhecido livro "Liturgy for Living", editado pela Seabury Press, EUA, falou sobre o tema "Algumas preocupações da Igreja sobre a Santa Eucaristia no século XXI".

Afirmou que nos últimos 25 anos, o panorama da liturgia mudou enormemente, tendo em vista os antigos paradigmas com que trabalharam os liturgistas. Algo novo nasceu. Estamos num processo acelerado de mudança. As perguntas que temos de fazer são: "Quais as forças essenciais da tradição cristã e que formas elas irão tomar daqui adiante?". Há 20 anos atrás, não iríamos além dos detalhes das revisões do Livro de Oração como o grande tema da renovação litúrgica. O Rev. Massey Sheperd Jr., falecido liturgista norte-americano, em palestra no Trinity College, Dublin, em 1969, colocou a agenda litúrgica num campo mais amplo. Ele descreveu a atitude comum em relação aos textos tradicionais como "romântica, nostálgica e, às vezes, ridícula".

Nota-se que hoje se tem dado uma atenção bem destacada ao Santo Batismo, com evidências de uma mudança dramática na consciência da Igreja a este respeito. O Batismo, na forma em que era celebrado, era muito negligenciado pela Igreja. Hoje podemos afirmar que há uma "Eclesiologia Batismal", uma compreensão mais séria da Igreja em relação ao Batismo. O Batismo nos une a Cristo e uns aos outros. Na medida em que a Igreja se vê formada por sua identidade batismal, teremos consequências para a celebração da Santa Eucaristia.

É toda a Igreja congregada que celebra a Eucaristia e sua significação plena é mais do que uma ação com pão e vinho. Toda a assembléia, em sua ação como um todo, é o sinal primordial do sacerdócio de Jesus Cristo. Todos os ministérios, particulares ou especializados, derivam do ministério da assembléia. Os sacramentos são ações realizadas por toda a assembléia, usando vários carismas individuais de liderança. A ação social, a proclamação das Escrituras, a Catequese, etc, são todas atividades da assembléia. A Oração Eucarística vai encontrar o seu lugar dentro deste contexto.

Os Anglicanos têm, como norma, olhado a oração eucarística como um todo e acabaram concluindo ser ela como que uma proclamação viva da fé da Igreja. Mas será que nesta redescoberta da oração, não paramos por aí, e falhamos em não vê-la dentro da estrutura maior de toda a celebração? Será que não estamos fazendo com que a oração eucarística ocupe um lugar

tão grande, em toda a ação eucarística? O peso verbal das orações eucarísticas, medievais e mais recentes, sugerem que a oração presidencial contém todo o significado, e determinou a nossa concepção de que a oração eucarística não pode ser estruturada de forma diferente. Como poderemos recuperar o sentido da celebração eucarística como um todo perfeitamente integrado?

Nos últimos séculos, os estudos exaustivos das orações eucarísticas têm sido combinados com o estudo no campo da liturgia e da cultura. O estudo sério da inculturação ampliou-se ainda mais, devido a sua importância. A discussão sobre inculturação e indigenização, muitas vezes, inicia pela compreensão dos pressupostos monolíticos culturais de nossa liturgia e a necessidade de nos abirmos à uma realidade mais ampla e variada. Os nossos modelos clássicos foram, não somente, colocados em formas textuais, mas foram também submetidos ao filtro do controle clerical, e em especial, de suas revisões. Na perspectiva de uma Eclesiologia Batismal, será necessário um novo modelo e um novo processo, a partir de agora. Os novos ritos precisam emergir, não da mera revisão e re-arranjo dos antigos textos, mas da fé e da vida de nossa comunidade. Nossa prática tem se fundamentado no princípio de que a "segurança", a "garantia" está no passado, mas a nossa confiança no Espírito Santo nos ensinará que a "garantia" está no futuro.

O prof<sup>o</sup>. Louis Weil disse que poderia transparecer de suas colocações, que ele apoia a presidência leiga na Eucaristia. Mas ele afirmou que deseja examinar esta matéria numa perspectiva pastoral mais ampla. A presidência leiga não é uma resposta à separação dos ministros ordenados numa categoria supra-humana e num clericalismo que daí decorre. O relacionamento de um Presbítero Ordenado e de um Bispo com a presidência da Eucaristia vem de um contexto diferente, muito antigo, na compreensão que a Igreja tem da ordenação. A presidência leiga pode criar uma segunda camada de clericalismo, que em absoluto é uma solução.

Donde procede a associação do ministro ordenado com a presidência da Eucaristia? Não estamos preocupados com a questão de "poder". O contexto mais amplo está estruturado pela consciência de que a assembléia de todos os batizados celebra o rito. O papel da presidência não procede de um poder especial, mas de Deus, que concede dons para a liderança pastoral. A comunidade chama, por meio da ordenação, àquelas pessoas nas quais estes dons foram percebidos e nutridos. O modelo clericalista é minimalista, com uma relação não explícita com o cuidado pastoral. Não exige do líder ser membro da assembléia. Entretanto, se os dons de liderança são visíveis em um leigo ou leiga, porque então eles não são reconhecidos por meio da imposição das mãos com oração (Ordenação)? A Oração Eucarística é uma Oração da igreja e não uma expressão de "poder sobre".

O modelo clássico de preparação para o ministério é na verdade descontextualizado. Na Diocese de Michigan Setentrional, surgiu um novo modelo. Uma congregação encontra-se lutando para pagar sua parte no salário do Ministro, pagar suas dívidas e ainda sua cota (mínima) diocesana. A paróquia agora tem dois ministros (Presbíteros), dois diáconos, cinco pregadores e vários outros líderes, capazes de atender a todas as suas

despesas e ainda contribuir para a expansão. Mais de um terço das congregações na diocese, atualmente, adotaram este modelo.

Em resumo, candidatos locais que demonstram carismas para a liderança, são treinados como uma equipe, para ministrar em suas paróquias. Sob a liderança do Bispo, um programa intensivo, de não menos de dois anos, prepara o povo em suas diversas áreas de atuação. O ministério, como um todo, é partilhado, segundo os dons que cada um possui. Há um rito especial que envolve a renovação dos Votos Batismais da congregação, comprometendo e comissionando toda a congregação em seu ministério, e também comprometendo os líderes nas várias funções, incluindo a liderança sacramental. Este é um modelo contextualizado, por isso não pode ser exportado como tal. O princípio é de que cada comunidade deve buscar o seu caminho.

#### 4. TAREFAS DA CONSULTA

A consulta foi desafiada a trabalhar no desenvolvimento de princípios que ajudassem a Comunhão Anglicana durante a próxima fase das revisões e trabalho de renovação da Liturgia. Os temas sugeridos para discussão em cinco grupos, foram os seguintes:

##### A) Ministério, Ordem e a Eucaristia

Os temas eclesiológicos, isto é, a relação da Eucaristia com a Igreja universal e com a Igreja local e as implicações desta relação para a prática: Quem pode participar? Quem pode ministrar? Quem pode presidir? Até que ponto a Eucaristia pode ser ampliada? Como pode ser partilhada no contexto ecumênico?

##### B) Ritual, Linguagem e Simbolismo

A natureza simbólica da assembléia eucarística e o simbolismo inerente da ação eucarística; as implicações do simbolismo no uso do espaço, iconografia, inculturação, inclusividade, vestes, gestos e outras ações rituais; os componentes essenciais da Eucaristia, seu caráter simbólico, e a significação dos símbolos e sua relação com os contextos culturais.

##### C) A Estrutura da Eucaristia

A estrutura total do rito, bem assim como a estrutura da oração eucarística; a função da estrutura para conservar a tradição e até que ponto esta tradição pode, responsabilmente, ser ampliada; modelos possíveis e propostos de orações eucarísticas comuns; revisão das linhas gerais de orientação propostas por Lambeth - 1958 para as revisões da liturgia eucarística das Províncias.

##### D) Teologia Eucarística

O desenvolvimento de uma teologia eucarística abrangente, dentro de uma estrutura ampla da Igreja e dos Sacramentos, incluindo as dimensões escatológicas do mistério pascal e éticas, dentro das quais os pontos tradicionais de tensão no anglicanismo serão tratados. Por exemplo, o papel do Espírito Santo, o Ofertório, a Consagração, Sacrifício e Presença Real.

## E) Educação e Espiritualidade (Renovação da Eucaristia)

A educação litúrgica para a renovação eucarística na prática e na espiritualidade, os recursos disponíveis e exigidos e os currículos elaborados para realização de programas de capacitação litúrgica.

## 5. RELATÓRIOS DOS GRUPOS (UMA SÍNTESE PROVISÓRIA)

### GRUPO I - MINISTÉRIO, ORDEM E EUCARISTIA

Primeiramente, foi buscada a tentativa de definição de uma igreja local, onde a participação na Eucaristia deve ser algo essencial. A segunda questão foi a do entendimento do Batismo, como pré-requisito para participar da eucaristia ou não. A terceira questão foi a respeito dos ministérios eucarísticos, destacando-se o assunto da presidência leiga da eucaristia. A questão final incluiu a discussão dos aspectos ecumênicos e o intercâmbio de ministérios.

A Igreja de Deus é a celebrante da Eucaristia; mesmo o menor grupo de cristãos forma a igreja local, quando escuta a Palavra de Deus e celebra os sacramentos, juntamente com o seu Bispo, ou aquele cuja presidência é entendida pela comunidade e por seu bispo. Cristo convida toda a humanidade para participar do Reino de Deus, do qual a Ceia é o sinal escolhido. A missão da Igreja envolve o atrair a todo o povo para ouvir a Palavra de Deus, interceder pela salvação do mundo, oferecer louvor e ação de graças e partilhar da comunhão eucarística. O grupo reafirmou a declaração da Consulta Internacional de Liturgia de Toronto, Canadá, de que os não batizados que se aproximarem da comunidade, devem ser encorajados a comprometer-se com Cristo por meio do Santo Batismo.

A renovação litúrgica, expressa nos vários Livros de Oração Comum na Comunhão Anglicana, mostram uma pluralidade de ministérios. Entre estes, a Presidência Eucarística é a expressão litúrgica de uma liderança pastoral autorizada pela comunidade, e não deveria ser dela separada.

Tratando sobre a variedade de ministérios, o grupo estudou a questão da presidência e as funções litúrgicas na assembléia como um todo, em que os ministérios individuais, nela, devem ser bem clarificados. Exemplos: os que são realizados em nome do Corpo (retirar as ofertas de dinheiro) e aqueles que surgem a partir de um dom especial e particular (o canto). Avançando mais, o grupo debateu e avaliou o ministério dos diáconos, dos presbíteros e bispos. Os diáconos são responsáveis por coordenar e estimular os ministérios da Igreja, no mundo e na assembléia litúrgica. Não devem assumir funções que pertencem a outros. Da mesma forma, bispos e presbíteros existem para liderar a comunidade no seu ministério sacerdotal e profético no mundo, por isso cabe a eles presidir às liturgias. O grupo também sentiu necessidade de dizer alguma coisa a respeito de "Concelebração" e o que deveria ser feito, quando não há um presbítero ou um Bispo para presidir a Eucaristia. Debateu sobre a elaboração, no documento final, de uma breve nota sobre a distribuição dos elementos

consagrados e as várias funções que são permitidas nas Províncias e Regiões.

## **GRUPO II - RITUAL, SIMBOLISMO E LINGUAGEM**

Sua discussão foi sobre a Eucaristia, como o local onde os cristãos se encontram uns com os outros. Debateu-se a questão da linguagem, a liturgia, o ritual e simbolismo, e, de modo especial, a linguagem do tratamento de Deus e a inclusão de simbolismo e imagens femininas sobre Deus.

As fontes e os limites destas imagens foram parte das discussões. Também o foram a visão da Eucaristia como “refeição” e o que o “pão comum” significa, em contextos particulares. Debateu-se, ainda, a relação da Eucaristia com a cultura local. Outras questões foram sintaxe e vocabulário, gestos, espaço e local das orações extemporâneas na Eucaristia e também a arte na liturgia. Duas áreas fundamentais nortearam a discussão do grupo: a comunidade, seu ritual e o caráter de sua reunião e a questão da justiça.

A Eucaristia significa a reconciliação da humanidade em Cristo. Todos receberam o único e mesmo dom da mesa comum, quer sejam os poderosos ou os necessitados, ricos ou pobres, brancos ou negros.

Em acréscimo à linguagem verbal, o grupo identificou a linguagem da música, a linguagem do silêncio (na qual o povo precisa de ajuda, para melhor utilizá-la), bem assim como a linguagem do corpo e do movimento/gesto.

As origens da Eucaristia como refeição foram reconhecidas e a possibilidade de outro alimento que não o pão e o vinho foi tida como algo aberto para discussão, embora se entenda a forte resistência existente, mesmo no grupo.

A forma da mesa da Eucaristia e a prática do lavabo foram consideradas importantes.

Também algo muito pouco valorizado e não menos importante é o espaço físico, não esquecendo que o símbolo principal é a própria assembléia do povo reunido. O espaço precisa expressar, tanto as dimensões comunitárias, como transcendentais. A localização das pessoas e dos objetos é também significativa. O povo deve ser capaz de ver e ouvir toda a liturgia e identificar-se com a ação. Houve uma preocupação em enfatizar espaço, corpo, movimento, música, as palavras da liturgia e o silêncio, sob o título geral de Ritual. Também buscou-se estruturar, no documento, toda a discussão da Eucaristia como refeição, seguida de uma sessão sobre a Eucaristia em relação à justiça. O que afirmou-se é que, no contexto da adoração, as coisas comuns tornam-se instrumentos da graça divina, lembrando que uso do corpo é parte integral da liturgia, pois nossos corpos são instrumentos também da oração. Gesto, postura e vestimentas foram examinadas muito ligeiramente. O uso da música, como fator de unidade de toda a congregação, é algo muito importante.

As palavras da liturgia deveriam incluir uma completa e variada expressão de imagens bíblicas para descrever Deus, e, também, fazer uso

de linguagem contemporânea, incluindo a imagística feminina e imagens de Deus que possam ir além dos símbolos tradicionais de poder e transcendência. O cálice comum e o pão, na refeição eucarística, foram discutidos amplamente. Historicamente, o símbolo do pão de trigo e o vinho de uva têm sido o símbolo da Eucaristia, mas a possibilidade, em casos excepcionais, de usar outro tipo de alimento foi examinada. A parte final do documento oficial, por insistência dos delegados do Brasil e do Quênia, tratará das questões relacionadas com o mundo - em especial, os problemas da justiça.

### **GRUPO III - A ESTRUTURA DA EUCARISTIA**

O grupo preocupou-se com as questões teóricas e de como a estrutura funciona e nos modela. Também abordou a questão multidimensional, incluindo espaço e música e não somente a sequência dos eventos. A questão que se levanta é se determinamos a estrutura ou apenas a herdamos. A estrutura litúrgica permite ou limita a nossa liberdade? O estudo das estruturas, em questões amplas de macroestrutura, discutiu, por exemplo, a integridade da liturgia, da palavra em relação com o rito da mesa; e também examinou as questões em menor escala, ou de microestrutura. A pergunta que permanece é: quais as implicações da estrutura na oração eucarística, para o Rito como um todo? Nas questões de microestrutura houve oportunidade para conversar sobre rito de entrada, a assembléia dos fiéis, a preparação da mesa, a comunhão, os avisos, etc.

Também debateu-se a questão da Oração Eucarística e seu papel como declaração de fé, vis-a-vis com afirmações credais. Abordou-se o tema das despedidas dos catecúmenos, e o lugar das crianças dentro da estrutura da Eucaristia. Questionou-se se as Orações do Povo (Intercessões) constituem um componente estrutural, em si, ou se são parte de uma outra estrutura.

A Igreja é construída pela forma como que ela ora. Isto inclui, mas não se limita, às formas previstas pelas estruturas litúrgicas da Igreja. Estas estruturas existem interdependentemente da ampla ação litúrgica da Igreja, provendo uma estrutura para que o povo de Deus possa participar com os seus dons individuais, assegurando que os componentes da adoração sejam usados de forma apropriada e equilibrada, promovendo a unidade da comunidade adoradora, provendo uma base para a unidade de uma comunidade para a outra e prevendo uma estrutura em que a flexibilidade e as variações locais possam ser experimentadas.

Desde os primitivos tempos cristãos, existiu uma estrutura básica para a assembléia litúrgica. Recentemente, a tradição anglicana, a herança patrística e a convergência ecumênica tenderam a solidificar um padrão, um modelo. Esta estrutura é composta de: Reunião do Povo de Deus, Proclamação e Recepção da Palavra de Deus, Orações do Povo, Celebração da Mesa do Senhor e Despedida para a Missão como Povo de Deus (envio). (ver Anexo 01)

Trabalhou-se em cima do padrão acima descrito, incluindo a necessidade dos elementos batismais na reunião do Povo de Deus, e

sugeriu-se que a oração do Pai Nosso poderia ser uma conclusão apropriada para as Orações do Povo (Intercessões).

Debateu-se a estrutura da Oração Eucarística e sua unidade, questão da mudança de postura, o lugar da narrativa e a necessidade do envolvimento de toda a assembléia. Cresce a sugestão do uso mais frequente do silêncio antes da Despedida do Povo. Examina-se o lugar das crianças e dos catecúmenos, as diferentes tarefas do presidente nas várias partes do Rito.

#### **GRUPO IV - A TEOLOGIA EUCARÍSTICA**

Examinou-se temas como sacrifício, memorial, etc, mas percebeu-se que tais temas aparecem de forma diferente, conforme a visão do contexto. Os temas foram examinados em relação ao rito, como um todo, e não somente em relação à Oração Eucarística. Também estudou-se a relação dos temas teológicos e a missão. Os temas foram agrupados em quatro grupos: Ação de Graças/Bênção; Teologia Trinitária; Lembrança/Memorial e Criação/Eschatologia.

Examinou-se a importância da Ação de Graças a partir das formas de oração judaica, essencialmente como uma resposta ao que Deus fez e em relação bem próxima com a criação, a redenção e a promessa. Explorou-se também a relação entre ação de graças e bênção. Tentou-se caminhos para saber como podemos expressar uma teologia trinitária a respeito de Deus na Liturgia e enfatizou-se que deveríamos explorar melhor a elaboração de orações eucarísticas, mais especificamente trinitárias. Na questão de Lembrança/Memorial evitou-se os debates costumeiros sobre o assunto. Nossa caminhada deve dirigir-se para um novo estágio, pois vivemos um novo contexto e, conseqüentemente, com tarefas apologéticas diferentes. Surgiram três linhas de pensamento: a primeira, olhar o contexto apologético e explorar de que maneira o cristianismo chega para uma cultura religiosa (como a cultura africana, por exemplo) e o que significa o nosso conceito de memorial para ela. Numa cultura secular, existem fontes na antropologia social que nos convidam a examinar como a linguagem entende de seu ponto de vista. Segunda linha: precisamos perguntar o que nós entendemos por "sacrifício de louvor" e o que significa olhar a Eucaristia como um sacrifício de louvor, ações de graças e súplica. A questão sobre Memória exige a nossa atenção sobre o trabalho da psicanálise e a "cura das memórias". Como cristãos, temos de explorar o modelo psicoanalítico, mas é na Anamnesis (memória) de Cristo, que encontramos a nossa fonte de cura para a memória. A memória do sofrimento é outra dimensão do assunto, bem como a maneira pela qual as pessoas têm tratado a morte violenta de alguém da congregação, num dado momento de sua história.

Como encontrarmos nexos entre a experiência contemporânea e a tradição, de forma mais atualizada? Também o grupo se deteve na maneira como a linguagem das palavras funciona e de como precisamos recuperar o caráter metafísico da linguagem litúrgica. Ela deve ser evocativa.

Como cristãos, extraímos nossa doutrina da criação, da escatologia. Na Eucaristia, a Igreja é um microcosmos da criação e como a criação, canta o

louvor a Deus. A Eucaristia é também uma doutrina manifesta na humanidade, doutrina de igualdade, e de que todos têm a mesma dignidade diante de Deus. A Eucaristia é um sinal da nova criação de Deus em Cristo. O Santo Batismo aponta para a nova criação, a Eucaristia pré-figura a Festa do Reino e celebra as reivindicações escatológicas do pobre e do oprimido.

Ressaltou-se também a necessidade de que a oração eucarística reflita uma teologia trinitária e deva incluir, na oração, partes específicas dirigidas a respectivas pessoas da SS. Trindade. O elemento de Ação de Graças pertence ao todo do Rito Eucarístico. No que diz respeito à teologia do sacrifício, conclui-se que sacrifício, tendo em vista as bases bíblicas, não pode ser limitado a um modelo particular. A teologia cristã mudou radicalmente o conceito de expiação, porque a noção pagã de acalmar a fome do "deus" foi alterada pela noção de que expiação é, de fato, uma ação da iniciativa de Deus Misericordioso. Somente sobre este pano de fundo é que a discussão do sacrifício eucarístico pode ter lugar. Quando falamos de sacrifício na Eucaristia, fica claro que não estamos falando ou nos limitando a momentos específicos, como o ofertório e a consagração. A linguagem propiciatória foi transformada no discurso cristão e a propiciação primordial para o cristão é o trabalho sacrificial de Cristo na cruz.

Sobre "memorial", o grupo tentou captar alguns elementos da memória, como algo que precisa ser resgatado num contexto cristológico.

O memorial eucarístico não é uma ação mental nossa, própria, como indivíduos, mas é algo que também foi começado por Deus e é uma ação corporativa de toda a comunidade.

A abordagem da criação, recriação e escatologia foi feita de uma maneira trinitária. Na Eucaristia, há uma espécie de microcosmo da criação, que nos chama a uma responsabilidade pela criação e ao mesmo tempo manifesta o valor dos seres humanos como filhos e filhas de Deus, fortalecidos por meio da ação amorosa de Deus. Isto nos afirma uma verdade missionária. Assim unimos a criação, nova criação e a promessa do Reino, que inclui a libertação do oprimido. O tema da justiça é parte do tema da criação.

## **GRUPO V - RENOVAÇÃO LITÚRGICA**

Esta seção estudou a redescoberta do contexto comunitário da adoração, a necessidade que os elementos de espaço sirvam à comunidade, o fato de que a comunidade adoradora inclui crianças e adultos, as questões sobre liturgia e cultura, os símbolos e a necessidade de que estes façam a exegese de si mesmos, o lugar fundamental da música na adoração, a música, da ortodoxia do texto para a estrutura, o fato de que a criatividade e a flexibilidade são encontradas muitas vezes entre os marginalizados, a necessidade do planejamento litúrgico pela comunidade, sua educação e preparação para esta tarefa e questões sócio-econômicas.

Recomenda-se que se discuta com mais profundidade a relação entre espiritualidade e a Eucaristia, a questão de nossas orações pelos inimigos, a relação entre o pão da Eucaristia e o pão que alimenta os pobres, e também o lugar do Rito simplificado, na celebração eucarística diária.

A Igreja é chamada a restaurar a todo o povo de Deus na unidade com Deus e entre si, em Cristo. Isto necessariamente nos remete a temas como alimento, abrigo e inclusividade. A Eucaristia é a expressão do reino e meio para sua realização. A Igreja tem necessidade de renovação. Todos somos participantes e estamos envolvidos na missão e ministério.

A renovação da liturgia eucarística deve respeitar a enorme tradição que tem sua raiz no Evangelho e tomou várias formas no decorrer do tempo. Como anglicanos, a nossa identidade litúrgica estava no Livro de Oração Comum; hoje é mais aceitável que seja uma estrutura do Rito. Nossa herança do passado deve refletir-se à luz das responsabilidades atuais para com o Evangelho.

A assembléia litúrgica cristã como Corpo de Cristo é, em si, "o celebrante" da adoração. Todas as liturgias servem para formar a comunidade eucarística. A adoração da assembléia tem a ver com todos os sentidos humanos. As palavras e ações devem ser conhecidas por todos os participantes.

A comunidade cristã reúne-se, semanalmente, para ensaiar o Reino de Deus, de justiça e de paz. A liturgia precisa ser construída de tal maneira que seu significado e importância sejam apreendidos, imediatamente, por todos os participantes. Uma espiritualidade sadia brota do compromisso da congregação com a adoração e a missão. A comunidade é o lugar da formação. A comunidade está já envolvida na missão, por seu engajamento na adoração.

O modelo "clericalista" de liderança não funciona mais. A liderança deveria ser informada das mudanças que acontecem. Os recursos permanentes para uma educação contínua são necessários para facilitar a mudança; são necessárias estratégias congregacionais para mudança, e os estudos de liturgia devem ser reconhecidos como um dever e um direito. As congregações devem desenvolver-se em direção a uma maturidade e não a uma dependência "sacerdotal".

Precisamos redescobrir e recuperar a história da salvação, o aprendizado da oração e o apoio mútuo. A renovação não deveria ser um exercício privilegiado do clero, mas o desenvolvimento do desejo do povo.

Ao final tentou-se enumerar alguns princípios: a renovação da liturgia eucarística na Igreja deve honrar a tradição encontrada no Evangelho. A nossa herança do passado deve estar refletida à luz de respostas atuais aos desafios do Evangelho. A espiritualidade anglicana é uma espiritualidade litúrgica, mas, ao mesmo tempo, os anglicanos possuem uma variedade de formas de apropriar a fé comunitária em bases individuais. A assembléia cristã como Corpo de Cristo é, em si, celebrante da adoração eucarística. Este modelo requer uma eclesiologia batismal. Todos os vários ministérios existem para servir a toda a comunidade, o que inclui os batizados de todas as idades. A assembléia eucarística valoriza e utiliza os dons de todo o povo de Deus e envolve todo o corpo humano com todos os seus sentidos. A palavra lida e cantada deveria ser relevante e acessível aos participantes. A assembléia partilha e recebe hospitalidade. A adoração autêntica deveria estar mergulhada, profundamente, na cultura do povo. O ato principal da adoração, no domingo, é a Santa Eucaristia quando a comunidade reúne-se para celebrar a vinda do domínio da paz, da justiça e do amor de Deus. Um

processo organizado e regular de formação, além da liturgia, mas a ela integrado, deveria envolver os novos membros. Uma espiritualidade cristã saudável brota do compromisso da congregação com a adoração e com a missão de Deus no mundo, que envolve a cura de toda a criação. Isto irá exigir recursos educacionais e humanos. A Igreja precisa de líderes que possam promover a renovação e que sejam preparados teologicamente para esta tarefa.

**NOTA** - Cada um dos cinco grupos preparou um "draft" (rascunho) de seus relatórios que, após apresentados em plenário, receberam os comentários, as emendas e a colaboração de todos. Ao final da consulta, foram entregues ao Grupo Coordenador, para processar a redação final e promover a circulação ampla na Comunhão Anglicana.

Ao lado de todos os relatórios, um grupo especial de trabalho sintetizou toda a Consulta em um texto com "Princípios e Recomendações" (ver Anexo 02).

## 6. OUTRAS INFORMAÇÕES

O atual Grupo Coordenador da Consulta ficou assim constituído, após as eleições pelo plenário: Rev. Donald Dowling (Austrália) - Coordenador; Revmo. Arcebispo Brian Davis (Nova Zelândia); Rev. Solomon Amusman (Nigéria); Revmo. Bispo Collin Buchannan (Inglaterra); Irmã Revda. Jean Campbel, OSH (EUA) e Rev. Paul Gibson (Canadá) - Coordenador de Liturgia do ACC.

Temas sugeridos para a próxima Consulta: Ordenação, Ofício Diário, Ministério. Os temas ficaram sobre a mesa para posterior decisão do Grupo Coordenador.

O Bispo Collin Buchannan sugeriu que é importante que a Consulta tenha oportunidade de auxiliar a Conferência de Lambeth, na organização da agenda sobre Liturgia. Solicitou que os membros da consulta encorajem seus bispos a levarem para Lambeth seus materiais litúrgicos locais. O Arcebispo Davis chamou a atenção de que as reuniões regionais Pré-Lambeth ocorrerão, em sua maioria, em julho de 1996. Aí será a data e o momento apropriado para serem levadas propostas aos bispos.

Também os membros latino-americanos presentes a Consulta, em reunião informal, começaram a encaminhar a possibilidade de uma Consulta Latino-Americana de Liturgia, à semelhança de duas já realizadas pela África. Nós, encarregados pelo grupo, encaminhamos correspondência aos Primazes, solicitando seu apoio para esta reunião. Já temos contatos feitos, visando um suporte financeiro que a possibilite. A mesma já tem também o apoio da Coordenação da Consulta Internacional.

Também na plenária de negócios, a Consulta voltou a reafirmar a sua composição; os participantes da Consulta serão:

- a) Os escolhidos e indicados por suas Províncias para representá-las;
- b) Os membros das comissões provinciais de liturgia;
- c) Os membros anglicanos da "Societas Liturgicas" (Academia Internacional de Liturgia);

d) Outros, que a comissão organizadora convidar.  
A Comissão organizadora informará a todas as Províncias sobre a data e  
temário da próxima Consulta Internacional de Liturgia.

Porto Alegre, setembro de 1995.  
Festa de Jerônimo, Presbítero e Monge em Belém.

Deão Orlando Santos de Oliveira  
Delegado Provincial à 5ª Consulta Internacional de Liturgia

## ANEXO 01

### ESTRUTURA BÁSICA DA ASSEMBLÉIA DOMINICAL

**1. Reunião do Povo de Deus** - O Povo de Deus reúne-se como uma assembléia, para aproximar-se de Deus, e celebrar a nova vida em Jesus Cristo.

**2. Proclamação e recebimento da Palavra de Deus** - As Escrituras são lidas e a Palavra de Deus é proclamada em canto, silêncio, meditação, pregação e responso.

**3. Orações do Povo (Intercessões)** - O Povo de Deus, como sacerdócio real, intercede pelo mundo, a Igreja, a comunidade local e todos em necessidade.

**4. Celebração na Mesa do Senhor** - A assembléia oferece louvor e ações de graças sobre o pão e o vinho e partilha do Corpo e Sangue de Cristo.

**5. Despedida e Envio como Povo de Deus (Missão)** - A assembléia espalha-se e dispersa-se para uma vida de fé e serviço no mundo.

#### O que é importante?

(1) Indispensável

(2) Parte integrante, mas não indispensável

(3) Parte que, em princípio, não pode ser omitida, mas cuja presença pode ser limitada ou mudada de acordo com a Quadra Litúrgica (variar de acordo com a quadra litúrgica)

(4) Parte, em princípio, não necessária, que pode ser incluída e até desejável, em alguns casos.

\* o asterisco indica quais são os componentes essenciais ao Rito, mas muitas vezes vem colocado em outra posição.

#### I - REUNIÃO DO POVO DE DEUS

Saudação	1	
Rito Penitencial *	1	
Canto ou Ato de Louvor		1
Oração de Abertura (Coleta do Dia ou Quadra)	1	

#### II - PROCLAMAÇÃO E RECEBIMENTO DA PALAVRA DE DEUS

1ª Leitura	1	
Salmo	2	
2ª Leitura	2	
Evangelho	1	
Sermão	1	
Credo	3	
Silêncio, Cânticos e outros resposos *		2

#### III - ORAÇÕES DO POVO (Intercessões)

Intercessões	1	
Pai Nosso *	1	
Saudação da Paz *	1	

**IV - CELEBRAÇÃO NA MESA DO SENHOR**

Preparação da Mesa	1
Oração sobre os dons	4
Oração Eucarística (Anáfora)	1
Silêncio	1
Partir do Pão	1
Convite para a Comunhão	2
Comunhão	1

**V - DISPERSÃO DO POVO DE DEUS (Missão)**

Silêncio	1
Hino	4
Oração de Pós-Comunhão	4
Bênção	4
Despedida	1

Dublin, 1995

## ANEXO 02

### 5ª CONSULTA INTERNACIONAL ANGLICANA DE LITURGIA Dublin, Irlanda - Agosto de 1995

#### Princípios e Recomendações

1. Na celebração da Eucaristia, todas as pessoas batizadas são chamadas a participar do grande sinal de nossa identidade comum, como Povo de Deus: o Corpo de Cristo e a comunidade do Espírito Santo. As pessoas não batizadas não deveriam ser excluídas de participar da assembléia eucarística, por causa de idade, raça, sexo, condição econômica ou capacidade mental.

2. No futuro, a unidade anglicana encontrará a sua expressão litúrgica, não em textos uniformes, mas numa estrutura comum da celebração eucarística, que assegurará uma celebração equilibrada e que dê testemunho do chamado católico universal da Comunhão Anglicana.

3. A ação eucarística modela a maneira pela qual Deus, como Redentor, vem para o meio de seu povo na palavra feita carne, a quem o seu povo responde oferecendo a si mesmo - indivíduos quebrantados, fragilizados - para serem feitos um só corpo, na vida ressurreta de Cristo. Este processo contínuo de transformação é realizado a cada celebração.

4. O caráter sacrificial de toda a adoração e vida cristãs deve ser articulado, de maneira que não obscureça o sacrifício expiatório único de Cristo. A linguagem vívida, símbolos e metáforas envolvem a memória humana e possibilitam à ação eucarística moldar a vida da comunidade.

5. Na Eucaristia, encontramos o mistério do Deus Triuno. O caráter fundamental da oração eucarística é a Ação de Graças e a oração eucarística toda deveria ser vista como consacratória. Dentro desta estrutura de ação de graças, os elementos Memorial (Anamnesis) e de Invocação (Epiclesis), estão incluídas dentro da totalidade da oração.

6. A assembléia da Igreja é a celebrante da Eucaristia. As funções litúrgicas do ministério ordenado brotam da responsabilidade pastoral. Separando as funções litúrgicas da responsabilidade pastoral, reduzimos a presidência litúrgica a uma função ritual isolada.

7. O caráter incorporado da adoração cristã precisa ser prestigiado na proclamação, no símbolo e no ritual. Se a inculturação deve ser levada a sério, a cultura e os costumes locais devem refletir-se na liturgia, lado a lado com a inculturação acumulada da tradição.

8. A Igreja precisa de líderes capazes de facilitar e capacitar a renovação e que compreendem a natureza da renovação na comunidade local. Isto deveria influenciar a formação litúrgica de leigos e clérigos, especialmente dos bispos, enquanto líderes da comunidade local. Tal

formação contínua é uma prioridade e deveria ser devidamente instrumentalizada com recursos, em cada Província Anglicana.

9. Celebrar a Eucaristia envolve a reafirmação do nosso compromisso batismal de morrermos para nós mesmos e ressurgirmos para uma novidade de vida, incorporado esta visão do Reino na ação social na comunidade. O Espírito, que nos chama a ser um só corpo em Cristo, nos equipa e envia para viver esta vida divina (Justiça, Reconciliação e Paz).

# MISSÃO E LITURGIA

## INTRODUÇÃO

Esta justaposição - Liturgia e Missão - representa um interesse atual na Comunhão Anglicana. No passado, o tema teria sido e foi: Liturgia e Cuidado Pastoral, isto é, a pastoral voltada para dentro. A atual composição vem da recuperação bíblica e teológica de sua natureza, como uma comunidade apostólica e missionária. Essa guinada de visão teve seus marcos no Congresso Pan-Anglicano e na Conferência de Lambeth de 68 e no Conselho Consultivo Anglicano, a partir de 1970. "A Igreja que vive para si mesma, morre por si", frase do Arcebispo de Cantuária daquela época, Michael A. Ramsey, expressou essa recuperação bíblica e teológica, já em processo no cenário ecumênico, e veio a ser divisa e instrumento para as Igrejas da Comunhão Anglicana se tornarem mais missionárias.

Quanto à liturgia, as Igrejas têm demonstrado o interesse pela recuperação bíblica e teológica e pela pesquisa da matriz litúrgica da Igreja. E o efeito disso pode ser visto na liturgia. Só para elencar alguns desses efeitos, podemos dizer que vemos a liturgia com mais ênfase na reunião, na ação conjunta, na perspectiva escatológica e na relação missionária de serviço com o mundo. E vemos, também, numa compreensão maior, que a liturgia não se limita apenas ao ouvir e ao falar, mas inclui o ver, o sentir e o agir. Ou, em outras palavras, a liturgia é a ação conjunta, que inclui essas dimensões. Também, a pesquisa sobre a matriz litúrgica trouxe à Igreja litúrgica um senso de libertação, digamos, da "tirania" da busca do texto original, dando-lhe a noção da "forma", modelo, estrutura ou "ordo", que proporciona à liturgia os contornos, as seqüências, enfim, certo ordenamento para ser um ato público. Neste particular, diga-se de passagem que as pesquisas proporcionaram às Igrejas um senso mais livre e flexível de "ordo" ou "forma" (Shape). No que se refere à dimensão missionária da liturgia, não se tem escrito muito. É claro que estas são palavras de quem não fez ampla pesquisa bibliográfica, por intermédio, digamos da Internet, que é uma, podemos assim dizer, estrada eletrônica de informação, via computador. Também, as mudanças que aconteceram nos Livros de Oração Comum não foram destacadas devidamente. Por isso, cabe a nós iniciarmos o estudo sobre a equação - Liturgia e Missão - e descobrir as formas de fertilização mútua.

## LITURGIA: ADVENTO E EPIFANIA DA IGREJA

Uma simples decomposição da palavra liturgia em ação e povo (*laos e ergon*) nos mostra que, pela liturgia, a Igreja vem a se manifestar, a se expressar como povo de Deus em sua assembléia. A Igreja é assembléia, reunião. Essa assembléia é a do povo reunido e enviado. Há esse movimento de sístole e diástole, centrífugo e centrípeto. A acolhida ou rito inicial e o rito de despedida nos mostram essas duas dimensões em movimento dinâmico. Um não anula o outro.

A liturgia tem sido definida como sendo a ação conjunta e pública do povo para celebrar os atos de Deus.<sup>1</sup> Quais são esses atos? Em poucas

palavras, são atos que nascem da vida trinitária de Deus, revelados na história de Israel e, decisivamente, na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, bem como na vinda do Espírito Santo para o envio da Igreja. Então, são atos que revelam Aquele que enviou e Quem foi enviado. Em outras palavras, na Liturgia, a Missão de Deus é celebrada, e a Igreja vem ao conhecimento de si mesma e da tarefa que Deus lhe preparou<sup>2</sup> e à prática da mesma. Assim, a liturgia tem duas dimensões: expressão e instrumento. É claro que, ao expressar-se como Igreja, ela descobre a si mesma, como quem está aquém de sua chamada e não tem feito o que Deus lhe propôs. Enquanto caminharmos na história, expressão e instrumento devem ser inseparáveis, no sentido de que a Igreja, com suas falhas, pode perceber a graça do reinado de Deus em Jesus Cristo e, nessa graça, corrigir-se. Aqui entra a necessária tensão entre o já e o ainda não. Nessa perspectiva, a liturgia pode tornar-se instrumental para que a Igreja se coloque a caminho da Missão. Tudo isso significa uma coisa: é preciso que a Igreja se torne viva e missionária para que haja uma liturgia viva e missionária. Por outro lado, uma liturgia viva e missionária pode ajudar a Igreja a ser mais viva e mais missionária.

## MISSÃO COMO LITURGIA

O que foi dito até aqui, implica na complementaridade da liturgia e missão, e não, na absorção de uma pela outra. A liturgia pode ser pensada como missão e a missão como liturgia. É claro que não se pode deixar de lado nessas considerações a Igreja, e, especificamente, a Igreja que se reúne em resposta ao Evangelho, consciente de sua natureza como comunhão/comunidade e que acolhe uns aos outros, assim como Cristo nos acolheu, que lê, ouve, celebra e interpreta as Escrituras com a invocação do Espírito Santo e que, acima de tudo, oferece a Deus o louvor e a ação de graças. Por que a Igreja, com essas marcas de sua natureza, deve entrar nas considerações sobre a missão como liturgia? A missão está sujeita ao reducionismo que empobrece a visão da Igreja. Por exemplo, facilmente, a missão pode ser concebida apenas como atividade evangelística, pela qual a Igreja cresce em número, proclama apenas a salvação pessoal ou das "almas". Num recente discurso do Arcebispo de Cantuária, na Conferência sobre a Década de Evangelização, em Kanuga, nos Estados Unidos, ao ressaltar a importância da guinada das Igrejas e das dioceses da Comunhão Anglicana, ele não deixou de mencionar a guinada dentro da visão integral da Missão.<sup>3</sup> Na mesma reunião, foi ressaltada pelo Bispo Jubal a Encarnação, como sendo o cerne da missão da Igreja e, conseqüentemente, o preparo da Igreja para se preocupar com a transformação da sociedade e, não apenas, das pessoas.

Quais são indicações de que a missão é liturgia?

Na imagem que o apóstolo São Paulo faz de si mesmo, no seu labor e viagens missionárias, encontramos figuras buscadas no culto do Antigo Testamento, recorrendo ao verbo ou substantivo relacionados com liturgia. Na Carta aos Romanos, como exposição dos motivos de sua viagem missionária, ele diz: "Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente,

como para vos trazer isto de novo à memória, por causa da graça que me foi outorgada por Deus, para que eu seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo Espírito Santo” (15.16). Na versão ecumênica da Bíblia, a expressão utilizada não é “a oferta deles” mas “eles próprios”, isto é, os gentios como oferendas. Em outras palavras, o apostolado missionário de Paulo e seu esforço evangelístico é descrito em termos litúrgicos e sacerdotais, de oferecê-los a Deus em louvor. A missão de sair aos gentios, proclamando o Evangelho, redonda em ato litúrgico de louvor e ação de graças, por parte dos gentios.

Teve papel importante e quase integral no apostolado missionário de Paulo a campanha em prol das coletas aos pobres de Jerusalém, como sinal de solidariedade dos gentios para com os sofredores cristãos de origem judaica, e fraternidade entre as Igrejas dos gentios e a Igreja de Jerusalém. Na primeira e segunda Carta aos Coríntios, ele recorre aos termos comunhão (*koinonia*), serviço (*diakonia* e também *leitourgia* em 2 Co 9.12) e evangelho. Isso nos mostra quanto ele associava a coleta em favor dos pobres de Jerusalém com a comunhão, solidariedade e serviço decorrentes do Evangelho, o Cristo. Em 2 Coríntios 9.12, em particular, o serviço, o ministério de levantar as coletas, é denominado de *diakonia* e a coleta, de *leitourgia*. A decisão pela coleta por parte das Igrejas gentílicas em favor dos empobrecidos de Jerusalém e a aceitação da mesma, pela Igreja em Jerusalém, significou para o Apóstolo (Ro 15.27), a inclusão de ambas as partes numa comunidade universal, deixando o seu paroquialismo.<sup>4</sup> Assim, ações missionárias relacionadas com a evangelização receberam o nome de liturgia.

Na Carta aos Hebreus, o Cristo é denominado de liturgo (servo), santo do verdadeiro santuário (8.2) e os anjos são liturgos (servos) de Deus (1.7). Em Romanos 13, o servidor público ou o Estado é denominado de liturgo.

Estes exemplos nos mostram que as ações que fazem parte da evangelização e da missão foram denominados de liturgia. Nestes casos, não encontramos exemplos para conceituar essa palavra, relacionados a desempenho de um ritual.

Nesta altura de nossa conversa, é bom nos lembrarmos da visão anglicana de missão, forjada nas últimas décadas:

- 1) proclamar as boas novas do reinado de Deus,
- 2) ensinar, batizar e nutrir novos crentes,
- 3) responder às necessidades, pelo serviço que expresse o amor,
- 4) procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade,
- 5) lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Este quadro nos mostra as áreas de participação na Missão de Deus. São áreas de testemunho, de atuação, de serviço, onde a Igreja se manifesta como testemunha do reinado de Deus. É claro que a circunstância condiciona a forma de testemunho; porém, o testemunho e a propaganda não se coadunam bem, à luz da narrativa daqueles justos no Juízo Final, em Mateus 25, que, sem saber, estavam servindo ao Senhor, nos excluídos, e O serviram sem fazer alardes, talvez até em silêncio e no anonimato. Porém, diga-se de passagem, há testemunhos de proclamação pública. O ponto

essencial é que, nessas áreas, a Igreja e os cristãos tornem-se sinal: do Deus feito carne, vívido, manifesto na vida de doação em Jesus Cristo; da humanidade diversificada como homem e mulher; da paz e justiça que Ele quer proporcionar a toda a humanidade.

Tudo isto aponta, entre várias coisas, para uma questão significativa. A liturgia, no sentido lato, celebra Deus, que trabalha para fazer da humanidade, neste mundo, sua morada. Como foi dito anteriormente, nessa celebração, a Igreja se vê como um segmento dessa humanidade, porém com a antevisão da plenitude da habitação com Deus, na sua cidade de paz e justiça<sup>5</sup>. Assim, a missão tem seu escopo ecumênico. O serviço (liturgia no sentido lato) é e deve ser ecumênico<sup>6</sup>.

Aqui convém ressaltar o que J.G.Davies já havia dito, que não se deve confundir os serviços (liturgia no sentido lato), com instrumentos de missão. Ao invés de instrumento, ele os denominou de sinais de testemunho, no sentido de que não são instrumentos pelo qual Deus estabelece o seu reinado, mas sim, sinais de antecipação do reinado<sup>7</sup>. Essa distinção entre sinal e instrumento da missão (o que a Igreja faz para estabelecer a sua visão das coisas) equivale à distinção entre a Igreja e o reinado de Deus, e, também, o "a despeito de" a Igreja confessar o seu pecado. É isso que se anuncia na ressurreição de Jesus Cristo e gera a esperança. Neste sentido, é conveniente trazer de volta o que foi, anteriormente, mencionado como uma contribuição importante de Davies. Trata-se do embasamento da missão na doutrina de Deus e não na natureza da Igreja, mas na vida triuna de Deus, na graça, na compaixão e na comunhão (pacto) que Ele oferece a toda a humanidade, em Jesus Cristo. Por isso, a missão da Igreja é participar do projeto de Deus e de Cristo, em quem o Pai, a origem do envio, e o Filho, que foi enviado, são um. Assim, a missão é participação no Apóstolo e Sumo Sacerdote de nossa confissão (Carta aos Hebreus). Visto dessa forma, a liturgia, em sentido lato, em sua diversidade de serviço, tem um ponto focal, que é o louvor e a ação de graças, atos que, com gratidão, com doação-resposta, engrandecem a bondade, compaixão, comunhão, justiça e fidelidade que Deus proporciona à humanidade, em sua promessa.

Neste sentido, é oportuno, também, mencionar um lembrete de um missiólogo holandês, para a Igreja não cair num reducionismo. Diz ele: "...quão facilmente a missão perde a conexão vital com outras expressões da Igreja. Conforme o reconhecimento geral, pode-se dizer que há uma única função da Igreja: o *Missio* ou apostolado, mas sabe-se que isto nem sempre é, ou nem sempre pode ser assim. Que todas as expressões vitais da Igreja sejam dirigidas para o testemunho é uma situação bem diferente... Mas, com o mesmo direito, pode-se dizer que tudo deve ser dirigido ao louvor de Deus, portanto, a adoração é *Missio*, também." <sup>8</sup>

Para finalizar esta seção, é pertinente dizer que, do ponto de vista da Missão como Liturgia, podemos ressaltar a importância da qualidade de vida, qualidade de comunidade, da comunidade inclusiva, da acolhida que Jesus deu aos excluídos como sinal da presença do reinado de Deus, que não se prende a um ritual e coloca o ritual numa nova perspectiva. Também, a importância do modo como a Igreja se reúne e faz o trabalho e expressa-se na semelhança do que anuncia, fica enfatizado.

## LITURGIA COMO MISSÃO

O enfoque da missão como liturgia pode nos mostrar a amplitude do serviço da Igreja e, também, pode destacar a importância do que a Igreja faz na liturgia, no sentido estrito. Entretanto, a missão pode absorver a liturgia e ficar diluída em diversas atividades. É certo que, durante a semana, a Igreja na sua forma dispersa, deve vivenciar em suas atividades a liturgia, em forma diluída. Porém, o que aconteceria se a missão sofresse um processo reducionista? Por exemplo, se a missão for reduzida apenas à conversão de "almas" e ações litúrgicas, adaptadas mais convenientemente para alcançar o objetivo? Num outro extremo, se a missão for reduzida apenas aos movimentos reivindicatórios e a dimensão do que denominamos de liturgia for simplificada para alguns cânticos de animação e intercessão, como uma espécie de comício? Há, portanto, a possibilidade de a liturgia se transformar em sala de aula, entretenimento, comício e em muitas coisas que empobrecem, não só a missão, mas também a vida da Igreja e o anúncio do Evangelho do Reino de Deus.

Então, há conveniência e necessidade de termos um outro enfoque: liturgia como missão, isto é, ver a questão de outro lado, a liturgia no sentido estrito. A liturgia no sentido estrito tem sua matriz, como já foi mencionado, na vida, missão e ministério de Jesus e sua apropriação pela Igreja nascente, pós-Pentecostes, no contexto da história do povo de Israel. Assim como o povo de Israel recitava os Salmos, Jesus os recitava, e não impôs as orações aos seus discípulos, mas os ensinou a orar, a pedido deles. Há poucas referências de que Jesus orou, mas Ele orava, anunciava o Evangelho e ensinava os discípulos a invocar a Deus como Pai. Como contava nas parábolas sobre o Reino de Deus, Jesus acolhia a todos à sua mesa, recebia os excluídos de todos os tipos, e os "indignos" eram aceitos e tornados dignos. O banquete era a parábola da plenitude da comunhão que havia de vir, e continua a ser a mesma promessa. A Eucaristia que a Igreja celebra, hoje, tem raízes nessa série de banquetes ou refeições, que, por sua vez, revelam a vida, a presença, o propósito, enfim, a missão Daquele que foi enviado. Esse gesto de Jesus remonta à narrativa do Êxodo, do Deus que ouviu o clamor do povo escravo. No que se refere à forma de Oração Eucarística, tem-se dito, no meio anglicano, desde G.Dix, que suas raízes estão na bênção do alimento (*Birkat-Hamazon*) da cerimônia judaica, e, também, nos Salmos de Ação de Graças, e que ela recebeu uma conotação cristológica, no sentido de que o Cristo proclamado no Evangelho é o cerne do memorial da esperança<sup>9</sup>.

A reunião, proclamação, orações e o partir do pão são "ingredientes" da liturgia, no sentido estrito, e são atos litúrgicos intensamente vividos pela Igreja, que nasceu com o Pentecostes. Isto nos basta para dizermos que a liturgia, no sentido estrito, tem a sua ancoragem nas Escrituras e na experiência da Igreja nascente, e na sua história.

Com esse embasamento, devemos, agora, olhar da liturgia para a missão, como dissemos no início desta seção. Este diálogo entre missão e liturgia é uma necessidade. Pois, se de um lado, a missão pode sofrer um reducionismo em sua visão, a liturgia pode, de outro lado, cair na

preservação de formas do passado, matéria de "arqueologia". Pois, uma Igreja como a nossa, tem uma liturgia com todos os elementos referentes à missão, em seu nível formal, mas nem sempre está consciente do que significam os atos litúrgicos como reunião, proclamação, oração, intercessão e os símbolos que usamos. Na verdade, esses elementos sempre existiram nos Livros de Oração Comum. São eles de "longa duração". Os antigos livros, que existiram formalmente, em comparação com alguns dos novos, não deixaram claro, por exemplo, o relacionamento transformador do Evangelho, portanto, da missão na sociedade em que a Igreja vivia e atuava. Esse relacionamento transformador foi mostrado pelo Bispo Michael Ingham, na sua apresentação do Livro Alternativo Canadense, em Ritos para uma Nova Era, de sua autoria. E aqui podemos fazer o uso dos itens sobre Missão, na sua obra, embora as orações que ele menciona como ilustração do novo enfoque, não constem em nosso LOC. São os seguintes tópicos: Missão profética, Missão pela Justiça, Missão de semear a paz, Diaconia, Evangelismo. Esses tópicos relacionam-se bem com as cinco linhas de Lambeth - 88 e do Conselho Consultivo Anglicano, já mencionados, anteriormente, neste trabalho na página 28.

Esses tópicos também estão de acordo com a Aliança Batismal, com a Lítania de Ordenação, com as Intercessões II e Orações Eucarísticas, do nosso Livro de Oração Comum.

A Missão profética, bem lembrou o Bispo Ingham, está baseada no sermão programático de Jesus, por assim dizer, na Sinagoga de Nazaré, o qual orienta a narrativa das ações e parábolas e outras formas de proclamação no Evangelho de São Lucas, e que tem suas raízes nas vozes proféticas do Antigo Testamento. Essa missão é dirigida para as periferias da vida, para os humilhados, esquecidos, abandonados, oprimidos, enfim, os excluídos. É o serviço que se pode prestar com a proclamação e com a solidariedade, para que a sociedade tenha o senso de justiça, na paz, e tenha paz, na justiça. Além do lecionário, que proclama a missão profética, as orações que elevamos diante de Deus proclamam essa missão. Por exemplo, na Oração Eucarística B, celebramos, louvamos e damos graças a Deus pela missão profética de Jesus:

"Aos pobres proclamou as boas novas da salvação; aos prisioneiros, a liberdade, e aos tristes, a alegria".

Lembrar diante de Deus os feitos de Jesus Cristo, a quem o próprio Deus enviou ao mundo, é celebrar seus atos com gratidão. Celebrar esses atos redundam em suplicar-Lhe que, conforme a seqüência dos atos litúrgicos, nos faça, pelo poder do Espírito Santo, unidos na Missão do Filho, para que tenhamos, assim, comunhão na missão, em união com aquela única doação em favor de toda a humanidade, começando com os distantes, os afastados, os excluídos. Pois louvar e dar graças é empenhar-se no engrandecimento das obras salvíficas e criadoras de Deus. É a renovação dos votos batismais, da identidade recebida no Batismo. Além disso, e acima de tudo, a oração implica em súplica, para que a Igreja se expresse como Deus propõe. Pois isso é uma maneira de dizer que a liturgia é o advento e a epifania da Igreja, a expressão do que ela é e está para ser. Para tanto, é preciso uma renovação, que se alcança só em união com a doação de Cristo. Uma outra

maneira de dizermos isso seria - em união com o Apóstolo, Servidor, Missionário e Sumo Sacerdote - podemos ser missionários (as), acolhedores (as), sinais da manifestação do reinado de Deus na sociedade.

Deste modo, temos a fonte do poder para a missão profética. O que se proclama à Igreja e ao mundo reverte em engrandecimento (louvor) e ação de graças, voltados para Deus. Isso implica em trabalhar para que haja mais valores na sociedade que dignifiquem as pessoas discriminadas, haja mudança de mentalidade voltada para o que se fala como cidadania responsável, maior senso de fraternidade, mais paz firmada na justiça e na confiança uns nos outros.

A missão profética tem muito a ver com o serviço em favor de uma sociedade mais justa. E aqui volto a mencionar o Bispo Ingham, sobre a matéria. Ele aponta para a justiça de Deus, que abarca a moralidade individual e o estabelecimento das relações sociais, livres de dominação e dependência. Sob essa perspectiva, num mundo onde há fartura de materiais, bens e tecnologia, a persistência da pobreza e fome é um ato deliberado da condição pecaminosa da humanidade. Portanto, a missão consiste em transformar as estruturas criadas para perpetuar esse pecado.

Aqui podemos recorrer à Litania da Ordenação para as três Ordens da Igreja, à Intercessão II:

“Por tua bênção sobre todo o trabalho humano e pelo uso devido das riquezas da Criação, para que o mundo seja liberto da pobreza, da fome e da destruição...”

A missão pela sociedade mais justa não para aí. Implica na criação de leis justas, na concepção do poder que não recorre à arbitrariedade, e na solidariedade com os que sofrem as injustiças. Isto, naturalmente, não se confina dentro dos limites de uma nação. A coleta da Festa dos Santos Inocentes fala a esse respeito:

“Lembramos diante de Ti, ó Deus, o extermínio dos santos inocentes de Belém, pelo rei Herodes. Recebe, nos braços de tua misericórdia, todas as vítimas que sofrem inocentes, e, pelo teu grande poder, anula os intentos dos tiranos e estabelece o teu domínio de justiça, amor e paz. Mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre”.

Essa coleta lembra, em primeiro lugar, a arbitrariedade de um poder. E, depois, passa à súplica, para que os sofredores tenham a acolhida e solidariedade de Deus, e não só isso, que os intentos dos tiranos sejam anulados e o reinado de Deus se estabeleça.

A oração pós-comunhão, na Festa dos Santos Inocentes, no Livro Alternativo Canadense, eleva diante de Deus a solidariedade dos comungantes, em favor de todos os que sofrem por trabalhar pela justiça e paz:

“Misericordioso Deus, reunimo-nos todos em torno da mesa do teu Filho. Ouve as nossas orações em favor de todas as irmãs e irmãos na fé, que sofrem por causa da verdade, justiça e liberdade. Fortalece seus testemunhos e guarda-os conosco, sob a proteção das tuas asas”.

Há uma outra oração de solidariedade, no mesmo livro, a qual fala na postura dos que trabalham em prol da justiça e paz:

“Ó Deus de amor e fortaleza, teu Filho perdoou seus inimigos, mesmo quando ele sofria a humilhação e a morte. Fortalece os que sofrem por causa da consciência. Quando são acusados, livra-os de falar com ódio; quando são rejeitados, livra-os da amargura; quando são presos, livra-os de desespero. Dá-nos a graça de discernir a verdade, para que a nossa sociedade seja purificada e fortalecida”.

A missão pela justiça vai além da questão da impunidade. Qualquer nação civilizada não deixa impune os transgressores. É claro que, quando uma sociedade como a nossa está desejava de sair da corrupção, há gritos contra a impunidade, e isso é correto. Mas não se deve parar por aí. A noção evangélica da justiça de Deus vai mais além. A justiça de Deus é o ato libertador, restaurador, que torna o ímpio, justo. Esse ato é como o de vivificar os mortos e chamar à existência o que não existe (Ro 4.5,17). Por isso, o importante é que a punição esteja voltada para a restauração dos que violaram a vida alheia, degradaram as relações humanas, a humanidade em nível pessoal e social, e se tornaram indignos do convívio humano. A restauração dessas pessoas, como pessoas capazes de entrar de novo no convívio social, está na concepção bíblica de justiça.

A oração pelas cadeias e prisões nos fala na missão pela justiça:

“Senhor Jesus, foste condenado como criminoso em nosso favor. Visita nossas cadeias e prisões, com misericórdia e juízo. Lembra-te de todos os prisioneiros, conduze os culpados ao arrependimento e emenda de vida, conforme o teu querer, e dá-lhes a esperança do seu futuro. Quando alguém estiver preso injustamente, liberta-o. Perdoa-nos e ensina-nos a aprimorar a nossa justiça. Lembra-te daqueles que trabalham nas penitenciárias e casas de correção. Guarda-os humanos e misericordiosos, livra-os de se tornarem brutais e insensíveis. Ensina-nos, ó Senhor, que o que fazemos pelos prisioneiros o fazemos para ti, e leva-nos a melhorar o destino deles”.<sup>10</sup>

## LITURGIA E MEIO AMBIENTE

Entre outras formas de missão, a liturgia celebra o cuidado de Deus pela integridade da criação e a nossa participação na renovação do meio ambiente habitável.

Este item faz parte dos cinco pontos de Lambeth e do Conselho Consultivo Anglicano, página 28. Esta preocupação tem sua fundamentação no Cristo, a imagem do Deus indivisível, o primogênito de toda a criação, por quem, em quem e para quem todas as coisas foram criadas, conforme a Carta aos Colossenses, nos Salmos e na narrativa da Criação, no Livro do Gênesis. Aqui se pode ver a convergência entre a preocupação de Deus em tornar a humanidade e este mundo um lugar aprazível para sua habitação, o que representa a concepção contemporânea do ecumenismo, como foi dito anteriormente, na preocupação com o meio ambiente. A Oração Eucarística B, no louvor ao Deus Criador, que precede ao *Sanctus*, tem uma cláusula, digamos, ecológica, quando louvamos a Deus dizendo:

“Tu fizeste todas as coisas e as tornaste plenas de tua bênção. Tu as criaste, para se alegrarem no esplendor de tua glória”.

E, mais adiante, na cláusula sobre o louvor dos anjos, a oração prossegue:

“Com eles, dando expressão a toda a criatura debaixo do céu, nós te aclamamos, glorificamos e proclamamos o teu Nome...”.

Do mesmo modo, em outras Orações Eucarísticas, ao louvar ao Deus Criador, a Liturgia celebra a missão de contribuir para que este mundo, com toda a diversidade de seres criados, seja um lugar de habitação saudável, que louve o Criador.

## LITURGIA E EVANGELIZAÇÃO

Há muitos anos, quando houve uma das conferências importantes sobre evangelização, onde representantes nossos participaram, a mesma foi descrita, sucintamente, como o ato de permear a vida das pessoas e da sociedade pelo Evangelho, por meio de palavras, atos e vida. É preciso descobrir meios eficazes de tal permeação. É claro que há aqui o problema de comunicação, de tornar manifesto o Evangelho ao público. Pois como pode haver evangelização, sem que o Evangelho seja anunciado ao destinatário? Sem dúvida, há muitas formas de evangelização.

A liturgia é, acima de tudo, a celebração do Evangelho. "A Eucaristia é o Evangelho do Reino em ação, que proclama a morte do Senhor até que Ele venha. É o manifesto, não só em palavras, mas em atos, de tudo quanto Cristo fez, está fazendo e fará para transformar o mundo e a nova ordem das coisas", diz o falecido Bispo J.A.T. Robinson, em seu livro O Ser Igreja no Mundo. E ele o disse, com ênfase na liturgia como ação.

Esse manifesto a que o Bispo se refere, tem, também, a dimensão de louvor, da parte dos que foram alcançados, tocados e transformados pelo Evangelho e sua comunhão e comunidade. Como já foi mencionado anteriormente, na sua Carta aos Romanos, o apóstolo recorre à metáfora sacerdotal para descrever a sua obra evangelizadora (Ro 15.16) e a de oferecer os gentios a Deus, como oferenda de gratidão. A Igreja evangelizadora manifesta-se como povo sacerdotal, que oferece os sacrifícios agradáveis a Deus e anuncia seus feitos maravilhosos (1 Pe). Assim, a liturgia eucarística é um lembrete importante de que a evangelização deve redundar na ação de graças, por meio da celebração do coração do Evangelho. Neste sentido, uma frase do apóstolo Paulo na sua Segunda Carta aos Coríntios (4.15) é iluminadora:

"... todas estas coisas existem por amor de vós, para que a graça, expandindo-se por meio de mais gente, torne abundante a ação de graças para a glória de Deus".

É o desejo apostólico de que a permeação da graça, que é a ação de Deus voltada para a humanidade, em seu favor, redunde em aumento da área coberta pela graça e, conseqüentemente, em multiplicação de ação de graças. Nisto ele faz um jogo de palavras: graça (*charis*) e eucaristia.

O tratamento da missão, sob o prisma da liturgia, deve observar, pelo menos, três pontos:

(1) A preparação do anúncio e celebração do Evangelho deve merecer muita atenção e esforço, não só da parte daqueles que presidem à assembléia litúrgica e dos pregadores, mas também dos que têm atividades específicas como leitores, acólitos, acolhedores (repcionistas) e outras funções. Se a liturgia é a expressão da Igreja e se a expressão for insensível para com as pessoas e se a Igreja, reunida como um todo, não é receptiva, o que estaria expressando? E se os anunciadores não estiverem permeados do Evangelho? É claro que o Evangelho é mais do que as nossas respostas imperfeitas e todos, pregadores e ouvintes, nos colocamos diante do Evangelho. Porém, do ponto de vista do testemunho, fica muito a desejar, se não houver um bom preparo.

(2) A localização da parte penitencial, na liturgia, deve ser refletida. O arrependimento, a busca do perdão e de emenda de vida ocorrem face à graça do Evangelho. Sem que haja o anúncio do Evangelho, fica questionável o convite para a confissão dos pecados. É claro que todos precisamos nos entregar, como somos, nas mãos de Deus e Dele retornarmos, como perdoados e renovados. Mas, este momento tem que estar bem localizado na seqüência litúrgica.

(3) A liturgia eucarística não é a única forma de evangelização, a qual requer outras formas, pelas quais, um bom número de membros da Igreja possam, de uma forma ou de outra, levar o Evangelho a outrem. É preciso procurar formas adequadas para a evangelização. A liturgia está aí, lembrando-nos que há uma tarefa evangelizadora diante de nós e de que essa tarefa deve levar em consideração a comunhão fraterna e a eucaristia.

Como conclusão, deve-se dizer que a liturgia não pode ser transformada em atividade regular de instrução catequética, de extensão da Escola Dominical, isto é, uma expansão da Escola Dominical, sala de aula, sala de aconselhamento pastoral, sessão de manifestação de emoções reprimidas e entretenimento. É verdade que há lamentações nos Salmos, há emoções na liturgia. Há e deve haver espaço para tanto. Sem ser uma aula, a liturgia bem elaborada e bem conduzida educa os participantes, fala sobre o relacionamento entre os participantes na liturgia, no sentido estrito e no sentido lato, porque, na liturgia, a Igreja está diante do Deus Triuno. Neste sentido, é preciso que a linguagem litúrgica capte e expresse esse senso diante de Deus, e se dirija adequadamente às pessoas. Em outras palavras, a liturgia tem uma dupla direção: dirigida a Deus e dirigida às mulheres, aos homens, às crianças, jovens e idosos em suas circunstâncias peculiares. Que esse senso seja de ousadia, de liberdade, como Jesus Cristo demonstrou, ao usar a expressão "Abba" e, na qualidade de quem foi enviado, como uma ave que reúne e cuida a sua ninhada. E isto exige um outro trabalho sobre Liturgia, linguagem e Rito.

Uma boa liturgia participativa requer não só o preparo mas, sua avaliação e aqui, trago algumas contribuições, que apareceram na Conferência: Liturgia e Missão, na rede eletrônica da Ecunet:

- Rev. Rae Fletcher, Paróquia de Santa Maria Virgem, Diocese de Ottawa, Canadá.

Depoimento: Passei algum tempo como instrutor em Liturgia na Universidade de S.Paulo, em Ottawa, no Programa de Estudos Anglicanos, e descobri que, para a avaliação de qualquer liturgia, é preciso ter alguns critérios.

Nesta conferência eletrônica de Ecunet, sobre Liturgia e Missão, o Rev. Fletcher elaborou uma lista de questões, sem explaná-las:

Que linguagem a liturgia expressou? (Que disse a liturgia?)

Ela disse o que tinha intenção dizer?

Qual foi a reação do povo para com a liturgia? (Boa, má, indiferente)

Esta reação do povo, abre avenidas para o ministério (pastorais ou programáticas)

Qual foi o efeito da liturgia nos indivíduos?

Qual foi o efeito na comunidade?

A maioria desses itens relaciona o conteúdo com a forma, na liturgia. As questões seguintes foram feitas, também pelo Rev. Fletcher, em grande parte, em relação à forma e o modo como se conduziu a liturgia:

A liturgia tocou os participantes (adoradores)?

Qual foi a reação dos participantes, como resultado?

A liturgia ajudou a focalizar a atenção dos participantes na Palavra, Sacramento, Comunidade e em si mesmos (as)?

Houve continuidade entre esta liturgia e outra, que houve anteriormente ou qualquer outra liturgia que venha a ser feita depois desta, num ciclo ou numa quadra; ou esse ato foi apenas questão de um só momento?

A questão final que ele pergunta para si, depois da prática litúrgica é:

Qual foi o ambiente da hora da comunhão (fraternidade), que se seguiu à liturgia? Que fez a liturgia para a comunidade e para os indivíduos?

- Rev. Stephen Woolley, Seminário Geral, Nova York, USA

Questões apresentadas por ele, na mesma conferência, via Ecunet:

1. Os que ficam mais próximos ao Altar (celebrante, oficiante, acólitos) mostravam-se tranquilos e familiarizados com suas funções?

2. Eram líderes visíveis da adoração ou a "visibilidade" deles foi obstáculo para a adoração?

3. O (A) celebrante/oficiante conduziu a liturgia de modo a demonstrar que ele ou ela foi um(a) dos(as) participantes (adoradores/as) ou agiu como quem desempenhasse uma função no palco? (como um(a) "star" ("estrela"))?  
- nota do tradutor)

4. A música foi apropriada?

5. A ornamentação litúrgica, inclusive incenso, contribuiu para a liturgia como um todo?

6. Item mais importante: houve alguma evidência de que a congregação estava verdadeiramente envolvida no ato da adoração, por meio da liturgia, ou foi apenas um auditório?

+Sumio Takatsu

sexta-feira, 22 de setembro de 1995

## NOTAS

<sup>1</sup> Foi assim definido por M.Hatchett.

<sup>2</sup> Livro de Oração Comum, p.180. Oração do Bispo, antes de impor as mãos nos Confirmandos.

<sup>3</sup> Notícias da Comunhão Anglicana, via mala eletrônica.

<sup>4</sup> GEORGI, Dieter. Remembering the Poor, Abingdon Press 1992, p. 117.

<sup>5</sup> Ver a Súplica, após a Epiclese, na Anáfora 3, do LOC canadense, p.200.

<sup>6</sup> O termo ecumênico é usado, tradicionalmente, para se referir ao diálogo e cooperação entre as Igrejas e sua unidade. Porém há uma outra visão do oikoumene. Ver RAISER, Konrad. Ecumenism In Transition, cap.4.

<sup>7</sup> Worship and Mission, p.34; Culto e Missão, p.32.

<sup>8</sup> J.Blauw, citado por Georg F.Vicedom, em The Mission of God, Concordia, 1965.

<sup>9</sup> DIX, G. The Shape of the Liturgy. A edição mais recente traz anotações significativas de Paul V.Marshall, que suplementam a obra de Dix, com novas pesquisas feitas no cenário ecumênico. Thomas J.Talley tem demonstrado a preferência da Igreja do Novo Testamento pela tradição judaica de ação de graças, e não a bênção. Também, ele chegou a concluir que o Didaque é a primeira oração eucarística escrita, e não a de Hipólito, como Dix pensava. Essa tese é reconhecida. Há debates sobre a diferença entre a bênção (berakah) e ação de graças (todah) e se envolvem técnicas complexas. Mais recentemente, Bryan Spinks, em seu artigo sobre a Oração Eucarística, num simpósio anglicano, mostra-nos que as fontes da Oração são mais diversas do que se pensa, e aponta para alguns Salmos de Ação de Graças. Ver STEVENSON, K. & SPINKS, B. (Eds.) The Identity of Anglican Worship. Mowbray 1991.

<sup>10</sup> Ainda não consta do atual Livro de Oração Comum, mas já está preparada pela Comissão de Liturgia, baseada no Livro base, o Livro de Oração Comum americano de 79.

# REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LITÚRGICA NO STIEAB

## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva ser algo mais do que uma descrição ou análise daquilo que vem sendo realizado no **Seminário Teológico da IEAB** nos últimos anos, naquilo que diz respeito à vida devocional, ou seja, a prática litúrgica na **Capela da Reconciliação**. Gostaria de abordar o fundamento da vivência devocional de uma instituição de formação teológica da Igreja: a adoração ao Deus triuno, Pai, Filho e Espírito Santo, vivo e verdadeiro, em espírito e verdade, que precede todo o labor reflexivo acadêmico.

A **primeira parte** deste trabalho, mais teórica, consta de três abordagens sobre a adoração:

- a) a adoração como resposta individual e coletiva ao amor de Deus;
- b) a adoração como primeira etapa da reflexão teológica;
- c) a adoração como fundamento da vida do(a) ministro(a) cristão(ã).

A **segunda parte**, mais avaliativa, apresenta uma reflexão sobre a importância de uma disciplina diária devocional (individual e comunitária) e seus efeitos na vida de piedade do clero da Igreja, com alguns comentários pessoais.

## PRIMEIRA PARTE

### I - A ADORAÇÃO COMO RESPOSTA INDIVIDUAL E COLETIVA AO AMOR DE DEUS

Na Bíblia, encontramos um conceito, uma compreensão de adoração muito clara: adorar é servir a Deus, numa resposta de fé e amor ao Senhor que se revela, justo e misericordioso, agindo em favor de seu povo. Na experiência decisiva do êxodo, da libertação do Egito, por exemplo, Moisés diz ao Faraó que é preciso levar o povo para o deserto, para servir a Deus, para fazer-Lhe uma festa.

Leiamos: **Êxodo 3:1-10 (chamado)**  
**Êxodo 5:1-3 (conversa com o Faraó)**

Não é à toa que os verbos adorar e servir são usados, frequentemente, como sinônimos na Escritura Sagrada.

É necessário responder ao Deus da vida, que se revelou na história e que, ainda hoje, se revela na vida da humanidade.

A adoração é essa resposta; é a nossa parte no diálogo com o Senhor da história.

Alguns autores cristãos afirmam que o ser humano é vocacionado para essa relação dialogal com Deus e, por conseguinte, com a humanidade toda e com toda a natureza criada.

No livro Rezar em Comunidade o frei Alberto Beckhäuser, diz que o ser humano é um "*ser vocacionado, orientado para o próprio Deus, chamado a participar de sua vida, do seu amor*".

Valendo-se do modelo de Cristo e seu tríplice ministério de **Rei/Profeta/Sacerdote**, este autor afirma sobre o ser humano:

*"As virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade fazem-no acolher em si, toda a realidade. Sendo uma criatura voltada para Deus na fé, ele é sacerdote que dá a Deus uma resposta de obediência, reconhecendo sua condição de criatura; sendo, na esperança, rei da criação, ele dá sentido a todas as coisas e as orienta, como sacerdote, para o Criador, sem deixar-se escravizar, ou tornar-se dono absoluto. É o respeito diante da criação, que constitui a atitude de pobre, porque rico de Deus. É, no entanto, também, um ser relacionado com o próximo: a comunidade conjugal e, logicamente, a fraterna e social. Neste relacionamento existe o amor, a caridade, que apontam para Deus, constituindo-se desta forma, profeta para o seu próximo."*

O autor acrescenta, ainda, que o pecado humano é a raiz do afastamento do ser humano do seu Criador, de seus irmãos e irmãs e de toda a natureza criada. Então, o autor apresenta a conversão como o caminho para o restabelecimento do diálogo, em todos os seus níveis. Diz ele: *"a conversão torna-se, pois, um contínuo voltar-se para Deus, para o próximo e para a natureza criada, segundo Deus, tornando-se a própria realização da vocação integral do homem. (...) Quem o reintegra em sua vocação é o próprio Deus ..."*

Ele, o autor, apresenta a oração como expressão desse desejo de diálogo, de comunhão. Define-a como *"uma experiência de comunicação com o divino, diretamente, ou através do próximo e da natureza criada"*. Diz ainda que: *"orar é perguntar sobre o sentido da vida"*.

Apresenta tipos ou facetas da oração: *"oração-procura; oração-resposta e oração-união"*. Diz mais: O ser humano *"tenta sempre de novo orientar tudo para o fim último, que é a vida em Deus"*.

Beckhäuser afirma que a vida dos seres humanos *"pode ir transformando-se em oração, em experiência de Deus, em comunhão com o mistério"*. Diz que *"toda a realidade vai-se tornando transparente de Deus"*.

E ele apresenta dois caminhos para este encontro de comunhão: a **oração particular** e a **oração comunitária**. Diz ainda que prefere a palavra particular ao uso da palavra pessoal, pois as experiências de oração devem ser pessoais. Para Beckhäuser, as duas formas de oração se complementam e se alimentam mutuamente. *"A oração individual ou particular prepara e alimenta a oração comunitária"*, e esta *"por sua vez, é fonte e ápice da oração individual, pois na oração comunitária temos a garantia da especial presença de Cristo"*. Tal é a vinculação entre essas duas experiências de oração, que o autor afirma: *"a oração comunitária terá que ser como que preparada ou alimentada pela oração individual"*. E mais ainda: *"a nossa oração comunitária ou litúrgica será intensa e profunda, na medida em que a nossa oração individual o for"*.

Nossa vivência de oração eucarística comunitária e diária no **Seminário Teológico** é inspirada na experiência dos primeiros cristãos, que, cotidianamente, *"partiam o Pão"*.

Nossa regra de vida comunitária, com alguma contribuição da **Comunidade de Taizé**, lembra que *"a oração comunitária não nos dispensa da oração pessoal. Uma sustenta a outra"*. E quanto a rotina do culto diário,

a **Regra de Taizé** argumenta: *“na regularidade da oração comunitária, o amor de Jesus brota em nós, sem que saibamos como”*.

Nós, que diariamente participamos da liturgia oficial desta Casa de Profetas, precisamos lembrar que: *“... não pode haver um autêntico culto cristão, se não for suscitado pela fé que responde à Palavra de Deus. Não pode haver verdadeira oferta do sacrifício eucarístico, se não for inserida no esforço pastoral para formar uma comunidade cristã, que oferece sua vida, integralmente, segundo o plano de Deus e que, na Eucaristia, expressa sua oferta e encontra a graça de Cristo, para crescer na santidade e na coerência da vida com o Evangelho.”*. (Documento da CNBB)

### Perguntas

1. Participar da celebração diária é alegria ou fardo? Como eu a compreendo?

2. Será que já consegui desenvolver uma disciplina de vida devocional diária e pessoal?

### II - A ADORAÇÃO COMO PRIMEIRA ETAPA DA REFLEXÃO TEOLÓGICA

*“Adorar é avivar a consciência pela santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purgar a imaginação pela beleza de Deus, abrir o coração ao amor de Deus, consagrar a vontade ao propósito de Deus.”* (Arcebispo William Temple)

Se os meus alunos de **Teologia Sistemática** fizerem um exercício de memória, talvez recordem de uma afirmação que faço logo nas primeiras aulas, no início do primeiro ano de estudos: **antes de querer ser teólogo, é necessário ser teófilo!** Ou seja, antes de querer saber sobre Deus, é necessário amá-lo. E muito!

Por este motivo, e também pela tradição teológica dos anglicanos, a adoração vem primeiro. Depois, vem a reflexão, o labor teológico, o pensar sobre Deus.

É um pouco como a paixão. Primeiro é aquele impacto, o clima que surge. Não se pensa muito nos porquês. Algo mexe com a gente. Na hora, o desejo é de estar junto com a pessoa, o “alvo” dos nossos sentimentos.

Só depois é que vem a reflexão: as coisas comuns e as diferenças, as opiniões, a família, o compromisso, o construir uma relação-a-dois.

Às vezes, separamos as coisas em etapas e conceitos distintos: primeiro, o prazer; depois, o dever. Ou vice-versa. Mas por que não ter prazer no dever?

O Deus em quem nós cremos é um Deus que dá prazer na adoração e na reflexão. Pessoalmente, sinto uma grande alegria em fazer teologia. Dá trabalho, surpreende, contraria, mas é gratificante. Juro que não estou defendendo o meu emprego!

Fazer teologia é uma aventura fascinante. Deixar-se tocar por Deus e responder a Ele, com curiosidade e humildade, ao mesmo tempo.

Mais do que **objeto de estudo** de uma complexa ciência não exata, Deus é o **sujeito da Teologia**, Senhor de toda a sabedoria e conhecimento.

Um de nossos palestrantes desta **Semana de Reflexão Teológica**, o Rev. Jaci Maraschin, afirma em seu livro *Igreja a Gente Vive*, que *“antes de*

*qualquer resultado teológico (...) é preciso haver (...) o relacionamento de Deus com os seres humanos. (...) Não se trata da experiência mística das religiões de mistério, uma vez que não se percebe o Espírito a não ser na vida humana, com seus problemas e crises. Só o Espírito, sem a vida, não levaria ninguém à teologia. Só a luta humana pela justiça e pela paz, sem o Espírito, não resultaria em Teologia".*

Por isso é que começamos o dia-a-dia do Seminário na **Capela**, ao redor da mesa do Senhor, rendendo nossas vidas a Ele, trazendo o que somos e o que temos, além da vida e das necessidades do mundo.

Na adoração dá-se o diálogo, o encontro, a comunhão. Tudo isto pela graça de Deus, que se importa conosco e nos convida a participar de Sua vida e de seu mundo, a despeito de nossas omissões e das relativas "heresias" cometidas em sala de aula e na vida comunitária, quando pretendemos moldar o ser e a vontade de Deus aos nossos próprios padrões ou concepções teológicas ou eclesiásticas.

Diz ainda Maraschin, no mesmo livro: *"O verdadeiro teólogo submete-se inteiramente ao Espírito... sua vida passa a ser vivida com obediência aos evangelhos e fé em Deus. Não que seja excluído da tentação e do pecado. O teólogo volta-se para Deus, na sua condição humana, oferecendo-lhe tudo o que é: sua vida e o mistério de sua vida".*

Na adoração a Deus, nós nos acercamos do mistério, tateando até chegar mais perto. E na reflexão teológica vamos "debulhando" a verdade de Deus, na busca de melhor expressar o conteúdo da nossa fé, tornando-a acessível ao povo de Deus.

Mas esta tarefa é um constante fazer e refazer-se.

A fé é dinâmica. A teologia, pois, deve ser dinâmica.

A verdade brota do amor.

### **Perguntas**

- 1. Será que consigo relacionar vida de adoração e reflexão teológica?**
- 2. Será que tenho dado a devida atenção a esta dupla estrada, teologia e adoração?**

### **III - A ADORAÇÃO COMO FUNDAMENTO DA VIDA DO(A) MINISTRO(A) CRISTÃO(Ã)**

*"Não consigo imaginar como pessoas religiosas podem viver satisfeitas sem a prática da Presença de Deus" (Irmão Lawrence)*

*"Se a adoração não nos transformar, ela não é adoração. Se a adoração não nos impulsionar para maior obediência, ela não é adoração. Assim como a adoração começa em santa expectativa, ela termina em santa obediência. A santa obediência evita que a adoração se torne um narcótico, uma fuga das necessidades prementes da vida moderna. A adoração habilita -nos a ouvir com clareza o chamado (de Deus) para o serviço ..." (Richard Foster)*

Nos meus tempos de acólito e, depois, já na condição de seminarista, escutava com alguma frequência o seguinte:

*“Quem não gosta do cheiro de mofo das sacristias e do cheiro de vela, não pode ser reverendo.”*

Creio que esta “quase profecia” tem sua dose de verdade, mas, convenhamos, limita muito o conceito de ministério ordenado. É preciso algo mais. Certamente muito mais.

Não aprendemos tudo no **Seminário**. Aliás, na verdade, apenas recebemos pistas, orientações, princípios de vida e formação nas áreas de Liturgia, Teologia, Pastoral, etc.. Nem o Reitor nem o Capelão virão atrás de nós, no futuro, conferindo nosso aprendizado.

É inegável que a vida de adoração experimentada no Seminário deixa as suas marcas em nossa vida pessoal. Se fazemos bom proveito dela, tanto melhor.

Certamente, teremos na adoração os recursos extras para enfrentar as dúvidas e inquietações que surgem no ministério.

Alguns de nós que passamos por esta Casa de Profetas, sofremos a tentação de achar que, no Seminário, já rezamos tudo o que tínhamos de rezar. Mas isto não é verdade.

Toda a coerência e a credibilidade de um ministro estão alicerçadas na vida de adoração. Uma pessoa que não ora diariamente, que não lê a Sagrada Escritura, que não medita e que não aprofunda a sua vida sacramental, não terá autoridade moral e pastoral para apascentar o povo de Deus. Como saciará a sede de seu irmão aquele que não conhece a fonte d’ água?

No ofício de Ordenação Sacerdotal (**Ordinal Anglicano**), ao ser examinado pelo Bispo, o ministro promete ser “assíduo e estudioso leitor da palavra de Deus”, “perseverante na oração íntima e pública, buscando a graça de Deus, na santificação do Espírito Santo”. Promete, ainda, buscar tudo, aquilo que o faça um ministro de Cristo mais forte e capaz.

É, ainda, chamado a alimentar o povo de Cristo, com as riquezas da sua graça.

Diz um Documento da CNBB, de 1974, sobre a espiritualidade do presbítero:

*“Portanto, o presbítero deve interiorizar e viver ele mesmo, de modo pleno, as virtudes humanas e cristãs que procura suscitar, educar e aperfeiçoar na comunidade dos fiéis.”* (Documento da CNBB)

*“Como toda a espiritualidade sadia deve visar à plenificação de todos os anseios profundos do homem, assim também a espiritualidade presbiteral exige, como condição preliminar, que o sacerdote viva sempre, ativamente, em busca de uma personalidade aberta a todas as direções do seu eu. Personalidade aberta a si mesmo, e ao mundo, aberta ao absoluto e aos outros.”* (Documento da CNBB)

E ainda:

*“... entendemos por espiritualidade, não simplesmente a reflexão ou especulação sobre o ideal de vida da pessoa, nem tão-somente um conjunto de práticas de piedade, mas a orientação global que a pessoa, conscientemente, imprime a sua vida, visando a interiorizar e expressar certos valores.”* (Documento da CNBB)

A adoração ao Deus Triuno implica que o ministro assuma, plenamente, a sua vocação humana, batismal e sacerdotal.

Essa espiritualidade, essa vida de adoração, deve ser uma espiritualidade encarnada, seguindo o modelo de Jesus Cristo.

Ser solidário, aberto e receptivo aos outros, com suas vidas e problemas; ser crítico, sem ser cáustico; ser pastor, sem paternalismo; ser companheiro do seu povo, sabendo distinguir sua função e seu ministério, tudo isto é essencial. Ser moldado; deixar-se transformar pelo amor e pela graça de Deus, pela vida e pelo apoio dos fiéis e pela cumplicidade dos irmãos e irmãs clérigas; estes são os fundamentos da vida do(a) ministro(a), fundamentada na adoração do Senhor.

#### **Perguntas:**

- 1. Que modelo tem meu ministério?**
- 2. Como vai minha comunhão com meus colegas de ministério?**

### **SEGUNDA PARTE**

Ingressei no **Seminário Teológico da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil** (na época, só Episcopal) em março de 1985, com mais sete colegas. Juntamo-nos, então, aos dois "remanescentes fiéis" do antigo Seminário Regional de Teologia.

Tudo era novidade: morar fora de casa, ser postulante ao Sagrado Ministério, iniciar uma nova etapa de vida, repartir o mesmo teto (ou o mesmo prédio) com pessoas de diferentes experiências de vida, ser semaneiro da cozinha e preparar os ofícios diários na **Paróquia da Ascensão**, nossa Capela, na época.

A vida em comunidade não é coisa fácil.

Identificamo-nos com alguns, desapontamo-nos com outros, convivemos muito bem com alguns, temos dificuldades com outros. Num ambiente, artificialmente construído, com pessoas vindas de diferentes lugares e experiências prévias, a comunhão não se dá imediatamente, mas pode ir surgindo aos poucos.

Por isso, a vivência na Capela é fundamental. É local de reconciliação com Deus, consigo mesmo e com o próximo. Às vezes, só o amor de Deus nos pode ajudar a compreender e aceitar as manias e as atitudes dos nossos colegas. Nem sempre temos vontade de sair da cama para enfrentar os problemas e os desafios de um novo dia de aulas e estudos. Mas se não fosse a graça de Deus a nos sustentar nas horas difíceis, o que seria de nós?

A vida na comunidade do Seminário já reproduz, em menor escala, algumas das tensões e dificuldades da convivência com os colegas de ministério e do cotidiano da vida paroquial.

Em janeiro do próximo ano, completarei sete anos de ordenação ao Ministério Sagrado. Acredito já estar em condições de comentar as mudanças ocorridas em minha visão de Igreja e do Ministério, desde o tempo em que era aluno deste Seminário.

Gostaria de, primeiro, citar dois breves trechos do mesmo Documento da CNBB, sobre a espiritualidade presbiteral:

"A vocação do presbítero não se vive de maneira individual. A própria fidelidade à missão e ao chamado exige a vivência comunitária". (Documento da CNBB)

e ainda, " ... não é possível uma espiritualidade sacerdotal (...) padronizada e absolutamente uniformizada, no tempo e no espaço, para todos os sacerdotes, indistintamente". (Documento da CNBB).

Duas coisas me parecem fundamentais na vida de um ministro: em **primeiro lugar**, uma vida devocional disciplinada e, em **segundo lugar**, uma pequena comunidade de apoio e comunhão.

Em **primeiro lugar**, devemos esclarecer que a disciplina, a qual nos referimos, nada tem de complicado. Não há uma prescrição oficial dizendo que o ministro deve fazer isto ou aquilo. Existem sim, diversas experiências de vida de piedade pessoal e/ou comunitária, na tradição espiritual da Igreja de Jesus Cristo. As ordens religiosas nos fornecem uma vasta e rica fonte de exercícios e práticas devocionais, muito acessíveis.

Em nossa própria experiência anglicana, temos um manancial de espiritualidade muito rico: o Livro de Oração Comum. Encontramos nele um plano mensal de leitura diária do **Saltério**. Além disso, a recitação do **Ofício Diário** (Oração Matutina e Oração Vespertina) sempre foi uma prática comum e muito incentivada entre os clérigos anglicanos.

Outros breves ofícios, como: ao meio-dia, ao final do dia (Completas), Invocação do Santo Nome (da Igreja Oriental), Litania, Ofício Penitencial, Oração Familiar, podem nos ser muito úteis na elaboração de uma disciplina pessoal própria e enriquecedora, que certamente nos alimentará em nosso ministério.

Em **segundo lugar**, é importante lembrar que todo o ser humano precisa viver em comunidade, permanente ou ocasional.

O ministro lidera, pastoralmente, uma comunidade de pessoas, e está, invariavelmente, envolvido e em contato frequente com estas, mas, ao mesmo tempo, pode ser uma pessoa solitária. Isto é muito comum, especialmente no início do ministério de clérigos solteiros (mas também pode ocorrer com os casados).

Ficamos sobrecarregados com os problemas e angústias dos outros e quase nunca temos com quem compartilhar as nossas dificuldades e apreensões. Nem sempre podemos sobrecarregar o(a) nosso(a) cônjuge com situações complexas da vida pastoral. Há, além disso, o sigilo sacramental, que mantém somente conosco e com Deus as dores e sofrimentos alheios.

Às vezes, um clérigo é enviado para trabalhar em localidades distantes de sua terra natal e precisa construir um novo círculo de relacionamentos pessoais. Isto pode ser gratificante ou penoso, conforme a personalidade de cada ministro.

Acredito firmemente que é necessário, talvez imprescindível, que um clérigo pertença a um grupo de partilha e comunhão fraterna. Este grupo pode ser formado por paroquianos mais chegados a nós (*afinal, sempre há uma família ou pessoas com as quais temos maior afinidade na comunidade eclesial*); por um grupo de amigos "de fora da igreja" (amizades extra-paroquiais); por clérigos(as) amigos(as) da própria cidade, ou da região ou, ainda, de locais mais distantes.

Este grupo pode ser ecumênico, permanente ou ocasional, informal ou formal, eclesial ou extra-eclesial. Cada um de nós saberá encontrar o grupo que mais lhe convier, que possa suprir as suas necessidades de apoio, partilha, confissão, orientação, conselho, afeto, comunhão, etc.

Pessoalmente, encontrei este referencial de solidariedade e comunhão, de cumplicidade e amor, de fraternidade e conselho, de admoestação e apoio pastoral na *Ordem de São Tiago (OST)*, que desde o início de meu ministério tem sido um espaço de crescimento pastoral e espiritual, certamente decisivo em minha vida de clérigo da IEAB.

**Rev. Eduardo Coelho Grillo**  
**Serviço de Capelania**

## BIBLIOGRAFIA

BECKHÄUSER, Alberto *Rezar em Comunidade: o Sentido da Liturgia das Horas*. Petrópolis, Editora Vozes, 1987. 118 p.

CEI- ITAICI. *Rabi, Onde Moras? Roteiro para uma experiência de oração e vida ao longo do noviciado*. São Paulo, Edições Loyola, 1991. 189 p.

ESTUDOS DA CNBB . *Espiritualidade Presbiteral Hoje*. São Paulo, Edições Paulinas, 1974

FOSTER, Richard . *A Celebração da Disciplina*. São Paulo, Editora Vida, 1990. 240 p.

HOSMER, Rachel & JONES, Alan. *Living in the Spirit*. New York, The Seabury Press, 1979. 256 p.

REVISTA VIDA PASTORAL

MARASCHIN, Jaci. *Igreja a gente vive*. Porto Alegre, Departamento de Comunicação da IEAB, 1990.

SHEPHERD JR., Massey. *Adoração e Vida*. Porto Alegre, Publicadora Ecclesia, 1957.